

Antonio Cesar Perri de Carvalho

Os Sábios e a Senhora Piper

Provas da comunicabilidade dos espíritos



Médium Piper



Conteúdo resumido

Leonore E. de Piper, mais conhecida por Madame Piper, foi uma das mais célebres médiuns dos nossos tempos. Nasceu em 1859, nos Estados Unidos da América, e desencarnou em 3 de julho de 1950.

Nesta obra o autor expõe e analisa as atividades mediúnicas dessa notável médium, que perduraram por mais de 40 anos. A Sra. Piper era dotada de diversas faculdades mediúnicas, como a clarividência, a psicomетria, a psicofonia, a psicografia, a xenoglossia e a precognição. Essa múltipla capacidade mediúnica é rara entre os médiuns em geral.

Durante cerca de 30 anos a mediunidade de Leonore Piper foi o principal foco da *Society for Psychical Research*, de Londres e de Boston. Conforme os registros oficiais desta Sociedade, nenhum outro médium foi tão rigorosamente examinado, bem como por tão longo tempo, como o foi a sra. Piper. Sua mediunidade foi investigada por alguns dos mais eminentes pesquisadores, entre eles Sir Oliver Lodge, William James, Richard Hodgson, James Hyslop e Charles Richet.

As pesquisas em torno dessa excepcional médium foram decisivas para despertar a atenção do mundo acadêmico sobre a realidade da sobrevivência da alma e a possibilidade de comunicação entre os seres do nosso mundo e os de além-túmulo.

“... há qualquer coisa de verdade, de real, de autêntico atrás de tudo isto.”

Prof. William James

* * *

“... à sra. Piper, como uma manifestação de agradecimento do mundo à sua longa vida de serviços e de ajuda ao início de uma difícil ciência.”

Sir Oliver Lodge

Prefácio

Uma visão global da história da pesquisa parapsicológica revela-nos um fato significativo: deve ter havido um planejamento, por parte de uma Equipe Espiritual Superior, objetivando trazer ao ocidente um conhecimento científico positivo acerca da natureza espiritual do homem. Essa impressão se reforça à medida que se examinam mais acuradamente os variados aspectos da evolução sofrida pela investigação dos fenômenos paranormais. Nada melhor para pôr em relevo o fato acima assinalado, do que o estudo das biografias dos *grandes médiuns* e dos seus *investigadores*.

Outra vantagem resultante do conhecimento das vidas, lutas e sacrifícios dos médiuns de renome é o concomitante aprendizado acerca da variada fenomenologia paranormal, bem como a convicção que isso nos traz, concernente à nossa natureza espiritual, à sobrevivência após a morte e à comunicabilidade dos Espíritos.

Em comparação com a rica bibliografia hoje existente à disposição dos leitores interessados em estudos parapsicológicos, a presença das biografias referentes aos extraordinários médiuns, das fases correspondentes à *Psychical Research* e à Metapsíquica, é relativamente pobre. É escassa, sobretudo em nosso idioma. Além disso, têm aparecido obras sectárias, cujo objetivo é denegrir a reputação dos grandes sensitivos do passado, falseando totalmente a verdade a seu respeito.

Desse modo, constitui sempre um bom serviço à causa da correta divulgação da ciência dos fenômenos paranormais todo trabalho sério versando sobre a vida dos grandes médiuns e de seus investigadores.

O livro *Os Sábios e a Sra. Piper* é um desses trabalhos sérios; sem dúvida um dos melhores que encontramos até agora. Não se trata de obra de ficção. O próprio autor, no primeiro capítulo, previne o leitor: "... não estamos criando nada, mas divulgando o resultado de nossos estudos a respeito da famosa médium americana". Realmente, sente-se isso no correr deste excelente

trabalho. A ausência de adjetivação e de erudição vazia é uma das características marcantes do estilo empregado, refletindo a sólida formação científica do autor.

Neste livro são retratados com clareza o ambiente na época da sra. Leonore Piper, o ceticismo quase insensato de alguns investigadores de então, os testes brutais aplicados à médium, a derrubada, palmo a palmo, da descrença dos mais renitentes, etc. É um drama fascinante, que se desenrola paulatinamente aos olhos do leitor; uma história consistente, escrita sem paixões e sem objetivos sectários, mas com meticulosa precisão; um trabalho científico.

O autor é nome conhecido, tanto no âmbito espírita quanto no meio acadêmico. Sua modéstia impede-nos estender-nos completamente sobre seus méritos, mas pensamos ser um absurdo não dar pelo menos uma pequena soma de informações a respeito do Dr. Antonio Cesar Perri de Carvalho. Ele é nascido em 21 de maio de 1948, na cidade de Araçatuba, Estado de São Paulo. Formou-se Cirurgião Dentista e seguiu a carreira universitária na Faculdade de Odontologia de Araçatuba (Universidade Estadual Paulista – UNESP), na especialidade de cirurgia e traumatologia buco-maxilo-facial. É “Doutor em Ciências”, professor livre-docente e professor titular. Chefia, atualmente, a Câmara Central de Graduação da Universidade Estadual Paulista.

É autor de cerca de 80 trabalhos científicos, publicados em revistas especializadas do Brasil, Estados Unidos, Japão, Alemanha e Itália. Em 1984 recebeu a “Medalha e Prêmio de Honra ao Mérito Luiz Cesar Pannaim”, do Sindicato dos Odontologistas do Estado de São Paulo; em 1985 o “Prêmio Professor Antônio de Souza Cunha”, do Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial; no mesmo ano o “Prêmio Cidade – Personalidade em Odontologia”, em Araçatuba.

No meio espírita exerceu e exerce, desde os 16 anos de idade, intensa atividade não somente social como literária, escrevendo inúmeros artigos em colaboração com diversos periódicos. É autor dos seguintes livros: *O Espiritismo em Araçatuba* (1975);

Dama da Caridade (1982); *Em louvor à Vida e Repositório de Sabedoria* (1980), vols. 1 e 2 (compilações) com pensamentos da psicografia de Divaldo Pereira Franco.

A presente obra, *Os Sábios e a Sra. Piper*, temos certeza, irá agradar tanto aos conhecedores da Parapsicologia quanto aos espíritas e leigos. No final do livro o autor teve o cuidado de apresentar excelentes sùmulas biográficas dos investigadores mais eminentes que estudaram a mediunidade da sra. Piper, bem como oferecer uma respeitável bibliografia, tornando a obra mais rica ainda em informações, encerrando-a, assim, com chave de ouro.

São Paulo, verão de 1986.

Hernani Guimarães Andrade

I

O “corvo branco” – explicações iniciais

O interesse pela mediunidade de Leonore Piper nos acompanha há quase 15 anos. O forte estímulo que nos moveu a estudar a bibliografia existente sobre a citada médium foi uma conferência que assistimos, nos idos de 1972, de Divaldo Pereira Franco.

Uma das surpresas que tivemos foi encontrarmos esparsas e resumidas referências a Leonore Piper na literatura em língua portuguesa.

À medida que aprofundávamos a leitura, fomos encontrando citações de obras estrangeiras. À distância e com dificuldades passamos a rastreá-las. No entanto, com o tempo, as correspondências, viagens dos tios dr. Lourival Perri Chefaly e Suzi e nossa própria, nos trouxeram às mãos os livros que procurávamos. Em duas oportunidades que nos dirigimos ao exterior, levamos na bagagem das intenções o propósito de encontrar algo relacionado com a sra. Piper e alguns de seus pesquisadores. Andando por Londres, Boston e New York, em visita a locais, sociedades e livrarias, buscamos as almejadas informações.

Agora, ao oferecermos este material sobre a vida e a obra de Leonore Piper, na realidade não estamos criando nada, mas divulgando o resultado de nossos estudos a respeito da famosa médium americana. Não tivemos a pretensão de relacionar tudo o que há sobre ela e nem de transcrever todo o material; nosso propósito é oferecer uma visão abrangente, porém objetiva.

De início, são de muita importância algumas rápidas pinceladas sobre as diferenças sócio-culturais da época e dos países. Além disso, a nosso ver, a mediunidade da sra. Piper não pode ser analisada sob os parâmetros que em geral empregamos na atualidade para aferirmos o valor e a produtividade de nossos médiuns, geralmente vinculados a um contexto doutrinário e institucional muito próprio de nosso país.

Leonore Piper viveu numa época em que o novel Espiritismo mal saía dos limites da França e de seu raio latino de influência. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, o “Spiritualism”, que tem como marco inicial os fenômenos de Hydesville e a data de 31 de março de 1848 (36),¹ oferecia uma certa resistência ao Espiritismo, ou seja, a algumas idéias basilares da obra de Allan Kardec (8). Dessa forma, o Espiritismo era pouco divulgado no mundo anglo-saxônico. Mesmo assim, florescia grupos “spiritualists”, grupos de pesquisa e os primeiros periódicos. Aliás, estes precederam o lançamento da *Revista Espírita* de Allan Kardec, pois em 1847 surgia o periódico *Univercoelum* fundado por Andrew Jackson Davis e A. S. Brittan, nos Estados Unidos. Dois anos depois esse jornal deu lugar ao *The Present Age*. E em Boston, a cidade em que viveu a médium Piper, em julho de 1850, Leroy Sunderland fundava o *Spiritual Philosopher* que depois passou a se chamar *Spirit World*. O historiador Podmore (31) considera Sunderland o primeiro editor no campo do “spiritualism”. Ainda em Boston surgiu o jornal *Heat and Lux*, em 1851. Assim, nos primeiros 30 anos de Doutrina Espírita (ou 40 anos de “Spiritualism”) surgiram inúmeros órgãos. (5)

Por outro lado, havia uma situação paradoxal em ambos os países de língua inglesa. Ao mesmo tempo em que campeava preconceito aos fenômenos e idéias espiritualistas não atreladas às religiões formais e, dentro do “Spiritualism” o preconceito ao Espiritismo, havia por parte de outros o interesse pela pesquisa dos fenômenos que estavam despertando muita atenção. Outro registro histórico importante é que nos primeiros 20 anos do surgimento do “Spiritualism” a rainha Vitória (da Inglaterra) e o presidente Abraham Lincoln (dos Estados Unidos) estavam entre as pessoas eminentes que tiveram experiência direta com as comunicações espirituais. (36)

A rainha Vitória nomeou uma Comissão de Sábios no ano de 1869 para investigar os fatos. Logo depois, o renomado cientista Sir William Crookes realizava pesquisas com alguns médiuns. No ano de 1882 homens de proeminência cultural e científica fundaram a sociedade para Pesquisas Psíquicas,² em Londres.

Essa Sociedade, durante muitos anos, catalisou o esforço de cientistas de vários países para as pesquisas medianímicas e passou a contar com um ramo americano, sediado em Boston.

No final do século XIX Boston se constituía no principal centro literário americano, sendo conhecida como a “Atenas da América”. Entre outros núcleos educacionais já funcionava a todo vapor a tradicional Universidade de Harvard. Essa cidade, que foi uma das pioneiras do campo do “Spiritualism” americano, parece que não possuía um núcleo com a orientação do Espiritismo.

Vivendo dentro dessa atmosfera, a sra. Piper, ao se defrontar com a problemática da mediunidade, manteve-se ligada à sua religião, que era comum nos Estados Unidos. Ela não possuía nenhuma vinculação e nem conhecimento do Espiritismo.

As coincidências que levaram o destacado prof. William James a ser um dos primeiros visitantes da jovem médium Piper abriram os caminhos para as experimentações em torno de sua mediunidade. Com isso, a sra. Piper tornou-se a médium das pesquisas do próprio James e de outros homens notáveis, como o dr. Richard Hodgson, prof. James Harvey Hyslop, Sir Oliver Lodge, Fredrich W. H. Myers, sr. e sra. Henry Sidgwick, prof. Charles Richet e outros. Durante muitos anos ela polarizou a atenção da *Society for Psychical Research* e de seu ramo americano. Em conseqüência, os feitos mediúnicos dela são citados não apenas por esses que tiveram contato direto com ela, mas também por pesquisadores e escritores ligados ao Espiritismo, como Gabriel Delanne, Léon Denis, Cesare Lombroso, Ernesto Bozzano e outros.

Foram inúmeros os artigos e citações que surgiram na literatura após a publicação do primeiro trabalho sobre a sra. Piper, de autoria de Myers e publicado nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, em 1890 (35). A coleção dos *Proceedings* é muito rica de informações sobre as experiências com ela; recorrendo a esse material, Michel Sage publicou em Paris, no ano de 1902, uma obra que resume os principais fatos sobre ela: *Madame Piper et la Société Anglo-Américaine pour les Recherches Psychiques*, que teve o prefácio de Camille Flammarion.

Dessa maneira, portadora de vários dons e protagonista de feitos mediúnicos notáveis e prestando-se corajosa e, a nosso ver, em caráter missionário, a estudos científicos – no período de 1885 a 1915 – e ainda em períodos curtos na década de 20, temos de concordar com Michel Sage: “esta mediunidade é certamente a que foi mais estudada por tempo mais longo e por homens de alta competência”.

As atividades mediúnicas da sra. Piper serviram para estudos e conclusões científicas importantes, convencendo diversos cientistas e inteligências privilegiadas sobre a imortalidade da alma e a comunicabilidade dos espíritos. Mas, ao mesmo tempo, em suas reuniões e consultas, milhares e milhares de consulentes foram levados a idêntica conclusão.

Reunimos informações diversificadas sobre a médium americana; no entanto, destacamos as publicações da *Society for Psychical Research*, a obra *Expériences d'un Psychiste*, de William James, e a obra *The Life and Work of Mrs. Piper*, escrita pela filha Alta Piper. No conjunto, inter-relacionando as diversas obras, temos uma visão mais global sobre a médium.

O livro escrito pela filha é cativante, onde se sente o amor e a admiração da filha pela mãe devotada e médium dedicada. O trabalho de William James é o relato racional, quase que totalmente baseado nos dons da sra. Piper.

Alta L. Piper contou com o prefácio de Sir Oliver Lodge, que em 1929, à época da publicação, era o pesquisador remanescente do grupo mais ligado à família. No prefácio, o notável físico inglês considera-a a mais famosa médium de nossos dias. Além de afirmar que não há qualquer sorte de dúvida em torno dos dons de Mme. Piper, evoca a existência normal que ela leva junto com suas duas devotadas filhas, caracterizando uma exemplar vida familiar. No início da obra, Alta Piper cita Oliver Lodge: “Não podemos legislar para tais coisas, nosso negócio é entendê-los”, e exalta o papel de sua mãe: “os anais da pesquisa psíquica não contêm registros de qualquer outro médium que tenha sido tão examinado, tão rigorosamente, bem como por tempo tão longo como tem sido investigada a sra. Piper”.

No livro do intelectual americano sentimos sua obstinada busca da verdade, utilizando-se do rigor e da imparcialidade nos comentários e nas conclusões. William James não apenas foi o introdutor da médium no mundo da ciência psíquica, mas também se constituiu o orientador e amigo da sra. Piper. Em 1894, ao assumir a presidência da *Society for Psychical Research*, de Londres, William James considerou-a seu único “corvo branco”, destituindo-lhe uma série de preconceitos. Essa colocação de seu discurso traduz bem a situação quase que de excepcionalidade que ela gozava no meio científico e também do impacto que seus dons produziram na época.

Julgamos grandioso o desprendimento e a humildade dessa criatura que deixou momentos com a própria família para atender ao chamado dos cientistas. As vigilâncias verdadeiramente policiais, os testes de sensibilidade e as dúvidas que muitos lançaram *a priori* criaram-lhe situações vexatórias. Ela se submeteu a tudo com altivez e continuou em suas atividades. Todavia, a filha não deixou de registrar em seu livro que alguns pesquisadores também mantiveram um relacionamento atencioso e de amizade com a família, principalmente o prof. William James, dr. Richard Hodgson e Sir Oliver Lodge.

Com relação às pesquisas efetuadas em torno da mediunidade da sra. Piper, elas também se encaixam dentro das condições da época. O método qualitativo foi o adotado. Aliás, foram trabalhos pioneiros da ciência psíquica e contemporâneos aos albores da Metapsíquica. Porém, não se pode olvidar que todos esses estudos e esforços é que acabaram redundando no surgimento da Parapsicologia e na adoção do método quantitativo.

Em nossa ótica, Leonore Piper realmente merece o título de maior médium americana e tem lugar de realce na história dos fenômenos medianímicos e das pesquisas a eles relacionados. Além de tudo isso, a diversidade de seus dons serviram de exemplo para inúmeros tipos de mediunidade e ilações doutrinárias espíritas podem ser tiradas da análise de sua prática mediúnica.

Sem sombra de dúvida, a vida e as atividades de Leonore Piper representam um repositório exponencial para a comprovação da imortalidade e da comunicabilidade dos espíritos.

Araçatuba, janeiro de 1986.

O autor

II

A vida familiar de Leonore Piper

Leonore E. Piper nasceu nos Estados Unidos, no ano de 1859, provavelmente, nas proximidades de Boston. A sua meninice e a sua juventude foram normais sob todos os sentidos. Leonore era a quarta de seis crianças e foi líder nas brincadeiras e esportes. Na adolescência aprendeu a costurar. Sempre foi boa aluna. Os pais de Leonore eram profundamente religiosos, membros da Igreja Congregacional. Leonore manteve-se nesta religião até o ano de 1910, quando, durante uma visita à Inglaterra, foi batizada na Igreja da Inglaterra. Seu pai faleceu em consequência de ferimentos adquiridos na Guerra Civil Americana e sua mãe faleceu de pneumonia, aos 88 anos, em 1925.

Aos 22 anos casou-se com William Piper, de Boston. Três anos depois nasceu a primogênita Alta e algum tempo depois a filha Minerva. A esse tempo era descrita como pessoa alta, esguia, com uma graça e dignidade difíceis de descrever, de feição grega e com cachos de cabelos dourados, portadora de mediana cultura.

A família nunca fez qualquer objeção às atividades mediúnicas da sra. Piper. O marido sempre esteve muito interessado nos fenômenos provocados por ela. A filha Alta, embora reconheça que foram privadas de muitas horas preciosas da companhia da mãe, recorda-se que apesar de todos os compromissos havia um ritual diário que Leonore Piper jamais deixava de cumprir, que era de fazer a prece de boa noite, beijando as filhas e dizendo-lhes: “Deus as abençoe, queridas”, antes de entregá-las aos cuidados de uma governanta.

Alta Piper transparece sua admiração materna e conta que desde pequena pedia a Deus fazê-la como a mamãe quando crescesse!

III

Os indícios e o desabrochar da mediunidade

Quando Leonore contava 8 anos de idade, certa tarde brincava no jardim da residência, após chegar da escola. Em meio à brincadeira, repentinamente, sentiu um barulho cortante em seu ouvido direito, acompanhado de um prolongado som sibilento. Escutou as palavras: “Tia Sara não morreu, mas com você permanece”. Assustada, correu à sua casa cobrindo o ouvido e chamando pela mãe. Esta, calma, procurou confortá-la. A criança chorava e dizia: “Oh, não sei! Alguma coisa tocou meu ouvido e tia Sara disse que não estava morta, mas permanecia aqui”.

A mãe de Leonore procurou distraí-la. Dias depois chegou uma carta de parte distante do país, informando que a tia Sara (irmã da mãe de Leonore) havia falecido repentinamente na hora e no dia em que havia ocorrido o incidente com a menina.

Outro fato ocorreu uma semana após o relatado. Após deitar-se e apagar a luz, Leonore e irmãs entraram em desespero após enxergarem o brilho intenso da luz do quarto e a presença de faces nela; ao mesmo tempo a cama, que era resistente, não parava de tremer. As crianças dormiram agarradas à mãe e não queriam nem lembrar da experiência noturna.

Além desses dois indícios, a mediunidade só desabrochou quando Leonore Piper já era mãe da primeira menina.

Logo após o nascimento de Alta, Leonore ainda sofria dos efeitos de acidente com trenó, que havia ocorrido há alguns anos atrás. Foi persuadida pelo marido a consultar um clarividente cego que estava atraindo a atenção de muitas pessoas por causa dos diagnósticos médicos certos e curas que realizava. A esse tempo residia com os parentes do marido em Beacon Hill. De início relutante, Leonore acabou atendendo à sugestão e, acompanhada de seu sogro, foi à residência do clarividente. Era um domingo, dia 19 de junho de 1884. Durante a consulta, enquanto ela estava sentada defronte ao clarividente, escutando o acurado diagnóstico de seu problema, ela relatou que sua face parecia

ficar pequena, pequena, parecendo que estava à distância, até perder toda consciência da vizinhança. No primeiro período de inconsciência, que durou poucos minutos, não aconteceu nada.



A sra. Leonore Piper

Assustada com o acontecimento, apenas com muita persuasão é que Leonore concordou em retornar no domingo seguinte à residência do clarividente. Este realizava reuniões nas noites dos domingos, com o propósito de efetuar curas e de desenvolver mediunidades latentes.

No segundo domingo em que comparecia à reunião com seu sogro, todos se sentaram em torno do clarividente, e por isso muitas vezes chamavam a reunião de “círculo”, cada um colocando a mão sobre a cabeça do vizinho. Quando colocou a mão sobre Leonore, viu na sua frente uma luz na qual estavam estranhas faces, enquanto uma mão parecia passar sobre sua face. Ela saiu da cadeira e, sem ajuda, andou até uma mesa que estava no centro do cômodo, tomou lápis e papel e escreveu rapidamente por alguns minutos. Em seguida, Leonore entregou o papel escrito a um dos participantes da reunião e sentou-se novamente.

Recobrando a consciência em poucos minutos, mas não restando nada do acontecido, ficou surpresa quando um senhor idoso disse-lhe: “Jovem senhora, sou espiritualista há mais de 30 anos, mas a mensagem que você me deu é a mais importante que já recebi. Ela me encorajou a ir em frente, sei agora que meu

menino vive”. Esse homem era o Juiz Frost, de Cambridge (Boston), que muitos anos antes havia perdido seu único filho em trágico acidente. Na mensagem escrita, o juiz identificou seu filho. Este chamou-lhe “pai”, escreveu seu próprio nome e garantiu que permanecia vivo; mencionou que sua cabeça estava tão clara como nunca. É importante destacar que o filho ficou vários meses inconsciente antes de falecer, não tendo mais reconhecido seus próprios pais. Assim, a mensagem teve detalhes que convenceram o Juiz Frost. (28)

O relato da experiência do Juiz Frost se espalhou e a sra. Piper passou a ser procurada para reuniões. Porém, longe de se lisonjear com a inesperada notoriedade, a sra. Piper ficou grandemente incomodada e, com exceção de alguns membros de sua família e alguns amigos íntimos, ela se recusava a ver outras pessoas.

Com relação ao episódio das visitas ao clarividente, sabe-se que o nome dele era M. Cocke (33) ou J. R. Cocke (11) e que à revelia da sra. Piper, o espírito que se manifestou numa das primeiras vezes era uma jovem índia chamada Chlorine. O problema de saúde, resultante do acidente citado, era um tumor traumático.

O clarividente Cocke tinha um “controle” (espírito orientador) que se dizia um médico francês – dr. Phinuit, também chamado “Finney” ou “Finné”, em razão da pronúncia. Esse espírito passou a se comunicar pela sra. Piper. Certa feita, forneceu seu nome inteiro – Jean Phinuit Scliville –, oferecendo ainda outras contraditórias informações, as quais não puderam ser verificadas (34). Parece que seria de Metz (França). (1)

IV

A visita e as providências do prof. William James

Foi em outubro de 1885 que o professor William James, da Universidade de Harvard, de uma forma curiosa, entrou em contato com a mediunidade de Leonore Piper.

Os sogros de Leonore Piper contavam com os préstimos de antiga serviçal irlandesa, chamada Mary; era portadora de muita fé e guardava imaginação e tradição celta e mais ainda algumas superstições. Esta possuía uma irmã – Bridget – que trabalhava no bairro “The Hill” e entre si comentavam as maravilhas da jovem médium Piper. Dessa maneira, provavelmente, as conversas de Mary devem ter chegado aos ouvidos da sra. Gibbins, sogra de James, e que era freqüente visita na família onde Bridget trabalhava. A curiosidade feminina cresceu, a sra. Gibbins solicitou e, por razões inexplicáveis, a sra. Piper concordou com um encontro. A sra. Gibbins saiu muito bem impressionada de sua primeira reunião e solicitou outra para sua irmã. Esta última também ficou extremamente surpresa com os resultados.

Assim, a sra. Gibbins e sua irmã contaram suas experiências com a sra. Piper para o prof. William James. Este ficou tão impressionado com as características dos fatos que obteve um encontro, juntamente com sua esposa, com a sra. Piper. A esse tempo, Phinuit era o espírito guia exclusivo da médium. (11)

Foi após essa primeira reunião com a médium que William James escreveu a Fredrich Myers, da *Society for Psychological Research*, de Londres, relatando os episódios de sua sogra e da irmã dela: “Ela (sra. Gibbins) retornou com o relato de que a sra. Piper havia dado uma longa relação de nomes de membros da família, junto com os fatos sobre as pessoas mencionadas e suas relações entre si, conhecimento que seria incompreensível sem poderes supranormais. Minha sogra voltou no dia seguinte com resultados ainda melhores. Entre outras coisas, a médium tinha descrito detalhadamente as circunstâncias do autor de uma carta,

a qual ela colocou sobre sua cabeça, após a srta. G. entregar-lhe. A carta era em italiano e seu autor era conhecido a apenas duas pessoas nesse país. (28)

A respeito de suas impressões pessoais, anotou William James: “Minha impressão após a primeira visita foi que a sra. Piper era portadora de poderes supranormais ou conhecia os membros da família de minha esposa pela visão e tinha, por alguma coincidência, conhecido com tais uma variedade de suas circunstâncias domésticas para produzir o impacto da impressão que ela fazia. Meu último conhecimento sobre suas reuniões e contato pessoal com ela levam-me absolutamente a rejeitar a última hipótese e a crer que ela tem poderes supranormais”. (28)

Durante os dezoito meses que se seguiram nas primeiras experiências com a sra. Piper, o prof. James não somente participou de reuniões, mas, virtualmente as dirigiu. Todos os encontros com consulentes eram marcados pelo próprio prof. James e os nomes deles não eram informados à médium.

Alta Piper relaciona alguns episódios interessantes sobre a mediunidade de sua mãe, ocorridos no período 1885-1886. Por ocasião da segunda visita da sra. Gibbins, a sra. Piper contou-lhe que uma de suas filhas estava sofrendo severa dor nas costas, naquele dia. Esta ocorrência, em seguida, foi comprovada pela consulente.

Durante uma reunião, na qual a sra. James e o irmão do prof. James, Robertson James, estavam presentes, foi-lhes dito que a tia Kate, que morava em New York, havia falecido naquela manhã, duas horas e meia antes, e que o prof. James seria informado do fato no retorno ao lar. Comentando o incidente, o prof. James disse: “Encontrei em casa há uma hora atrás o telegrama: – Tia Kate faleceu poucos minutos após a meia-noite”. (28)

A respeito da série de episódios que presenciou, escreveu William James, em 1890: “Insignificantes que estas coisas soam quando lidas, o acúmulo de um grande número delas tem um efeito irresistível. Repito agora o que já disse anteriormente, que levando em conta o que eu conheço da sra. Piper, o resultado me faz sentir tão absolutamente certo, como estou de qualquer fato

pessoal no mundo, que ela conhece coisas em transe os quais não pode possivelmente ter ouvido em estado de vigília e que a filosofia definida em seus transe está ainda para ser descoberta”. (28)

Para Alta Piper o período em que o prof. James pesquisou a mediunidade de sua mãe foi uma fase feliz e de gratas recordações, embora ele assumisse posições críticas. Relata que ele sempre soube tratar bem pessoas idosas e jovens, como ela.

V

As investigações do dr. Richard Hodgson

Certa feita, o prof. James escreveu a vários membros da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres, relatando os fatos da mediunidade da sra. Piper, pois, na sua opinião era um “genuíno mistério”. Em conseqüência, algumas semanas depois chegava aos Estados Unidos o dr. Richard Hodgson, com o propósito de investigar o fenômeno, com o patrocínio da Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Há pouco ele havia estado na Índia, analisando a sra. Blavatsky.

O dr. Hodgson iniciou sua pesquisa com a sra. Piper durante a primavera de 1887. Naquele tempo, a família Piper havia se mudado para um apartamento no bairro de “The Highlands”, um novo e bonito bairro de Boston. Na época era uma inovação residir em apartamento. A sra. Piper fazia duas reuniões por dia, geralmente para pessoas totalmente desconhecidas, provenientes de diversas partes do mundo e com os encontros marcados pelo dr. Hodgson.

A respeito de sua mediunidade, dizia Leonore Piper: “Quando descobri que possuía um dom, poder, ou o que desejarem, no qual o melhor do meu conhecimento não toma parte, então resolvi que daria minha vida, se necessário for, para descobrir a verdadeira natureza.” Quase 40 anos depois ela desabafou: “Mas eu me surpreendo se agora, após todo esse tempo, estamos nem próximos da real solução que estávamos no começo”. (28)

Ao tempo em que Leonore Piper iniciou seu trabalho, o *Spiritualism* era desacreditado e confundido. Ela possuía plena consciência disso e “quando o criticismo e a insolvência se voltaram sobre ela por amigos e até parentes, ela não vacilava”. Alta admirava o refinamento inato e o temperamento de sua mãe e anotou que depois de longo tempo de atividades e de muitas lutas, a sra. Piper conquistou o respeito e admiração de pessoas de todas as partes do mundo e os registros dos fenômenos já

tinham sido vertidos para praticamente todas as línguas, inclusive o chinês. (28)

A tenacidade e a fé de Leonore Piper deram-lhe forças durante os difíceis anos em que o dr. Hodgson, firme em sua descrença, julgava que o fenômeno psíquico poderia ser produzido por outros meios. Baseado em prévias experiências, o dr. Hodgson tinha o propósito de descobrir algum tipo de fraude. O pesquisador não se conformava com tantos dados familiares que a sra. Piper costumava oferecer durante o transe e pensava em todas as hipóteses, menos a hipótese espírita. Ele imaginava que a sra. Piper contasse com um sistema de espionagem suficientemente extenso para fornecer-lhe os detalhes que contava aos consulentes. No seu estágio inicial de investigação, o dr. Hodgson contou com a colaboração de um membro do ramo americano da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres e que passou a observar todos os movimentos da sra. Piper e de vários familiares. Porém, o agente do dr. Hodgson concluiu que o casal Piper e nenhum de seus familiares não tinham o hábito de visitar cemitérios para obter dados sobre os mortos e nem empregar agentes com tal finalidade.

O dr. Hodgson acabou concluindo que não havia tal fraude e o fenômeno passou a ser um grande mistério para ele. Todavia, sua atitude criou um ambiente de indignação. O bom senso e o equilíbrio de Leonore Piper triunfaram sobre a primeira reação – de indignação – e nisto ela foi auxiliada pelo prof. James, que, ao mesmo tempo, suavizava o incidente e ainda destacava a importância disto para o futuro progresso do trabalho. Recomendou ainda que conservassem o dr. Hodgson como bom amigo.

O dr. Hodgson prosseguiu nos seus testes, inclusive apresentando pessoas a ela para consultas, sob pseudônimos. Ele acabou convencendo a sra. Piper que seria interessante que ela se afastasse temporariamente do seu meio e fosse para um outro país, onde ficaria completamente separada de seus amigos e familiares. O prof. William James concordou com o projeto e, em seguida, se comunicou com membros da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres. Logo depois Fredrich Myers respondeu sugerindo que a sra. Piper fosse à Inglaterra para ser analisa-

da por membros da Sociedade. A 18 de agosto de 1889 o dr. Hodgson escreveu à sra. Piper, que residia nos subúrbios de Boston, transmitindo-lhe a proposta de Myers.

Leonore Piper recebeu a carta num misto de surpresa e de perturbação. Afinal, o que esses pesquisadores estariam pensando? O que realmente eles pensavam e o que realmente esperavam, tirando-a do marido e das duas filhas e viajar 3.000 milhas pelo Oceano Atlântico, meramente com o propósito de provar, de testar e de experimentar? E surgiam outros questionamentos que traduziam a perplexidade e a ansiedade dela. O sr. Piper não quis interferir, admitindo que o próprio bom senso e a intuição dela seriam melhores conselheiros. Leonore Piper acabou por concluir que o período proposto para a viagem era favorável, mas ela levaria as filhas Alta e Minerva. Assim, ela acabou aceitando a proposta do dr. Hodgson. Iniciaram-se os preparativos para a viagem. Desmontaram o apartamento de Highlands e seu marido e as filhas ficaram uns dias na casa dos pais dele, em Arlington (subúrbio de Boston), que é um local muito belo, enquanto a sra. Piper passava uns dias de férias com o casal James, em New Hampshire, discutindo os arranjos finais para a viagem.

VI

Primeira estadia na Inglaterra

Finalmente, no dia 9 de novembro de 1889, Leonore Piper e as duas filhas partiam de Boston no velho vapor “Scythia”, da Companhia Cunard. O dr. Hodgson estipulou que a antiga funcionária dos Piper não deveria acompanhá-las porque o objetivo principal da viagem era cercar a médium de pessoas novas. Porém, por feliz circunstância, a funcionária resolveu visitar um tio na Irlanda e as acompanhou no navio, para alegria das meninas.

Ao passarem por Queenstown, a sra. Piper recebeu carta de Myers, saudando-a e dizendo que ele e esposa estavam aguardando-a; informava também alguns detalhes da viagem que ela faria a partir da chegada no porto de Liverpool.

Desembarcaram em Liverpool no dia 19 de novembro de 1889 e se dirigiram ao hotel. Ali já havia outra carta de Myers, pedindo desculpas pela ausência, em decorrência de uma conferência que faria em Edimburgo. Explicava que ela seria procurada por um amigo dele, o prof. Oliver Lodge. Dois dias depois ela seguiria para Cambridge. Antes disso, ao recepcioná-la na residência de Liverpool, o prof. Lodge cercou-se de várias precauções. A esposa dele trocou a criadagem na véspera da chegada e na manhã da chegada da sra. Piper guardou a Bíblia familiar onde estavam anotados vários nomes e datas familiares e ainda o álbum familiar. Até a correspondência dirigida a ela passava, preliminarmente, pelas mãos do prof. Lodge. Um dia, curioso em conhecer muitos dos incidentes relacionados com os dias de meninice de dois de seus tios – gêmeos –, sendo que um deles havia falecido há 30 anos, o prof. Lodge passou a dialogar com o espírito Phinuit. Este mostrou-se muito familiar e prestou várias informações. O prof. Lodge enviou um detetive para o local citado pelo espírito, com o propósito de levantar dados. No final, nem todas as informações foram confirmadas, mas foram suficientes para que o prof. Lodge não ficasse decepcionado nesse seu primeiro encontro com a mediunidade de Leonore Piper.

Em seguida, o prof. Lodge levou-a para a residência de Myers, em Cambridge. O anfitrião também se cercou de cuidados. Ocorreram 38 reuniões até fevereiro de 1890, sob a supervisão de Myers,³ prof. Lodge e Walter Leaf.⁴

Durante sua estadia na Inglaterra, Leonore Piper esteve duas vezes em Cambridge com os casais Myers e Sidgwick,⁵ duas vezes em Liverpool com o casal Lodge e duas vezes em Londres. Em todos os seus movimentos pelas cidades era acompanhada por algum membro da Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Durante a permanência em Londres, Leonore e Alta estiveram acometidas de influenza e foram tratadas por um médico irmão de Myers.

Antes de retornarem, a sra. Lodge confessou à sra. Piper que por ocasião da primeira vez que ela a hospedou não tinha o menor interesse em pesquisas psíquicas e que, a princípio, até se opôs em hospedá-la. Porém, acabou aquiescendo, hospedou-a e ficou muito admirada com a bela face da médium e com o seu refinamento. A partir daí acabou se interessando pelas pesquisas do marido.

Ao retornar de Liverpool para New York, em fevereiro de 1890, a sra. Piper deixava muitos amigos conquistados na Inglaterra.

VII

A direção do dr. Hodgson e os testes de sensibilidade

O Dr. Richard Hodgson e sua secretária, srta. Lucy Edmunds, continuaram a controlar as atividades da médium Piper, após o retorno da Inglaterra, tomando precauções para esconder a identidade dos consulentes. No entanto, tais cuidados às vezes chegavam ao exagero. Certa manhã uma senhora chegou e colocou sua sombrinha no local apropriado, perto da porta, na casa da médium. O dr. Hodgson, que se encontrava a meio caminho na escada, imediatamente desceu e tomando-lhe pelo braço a advertiu: “Sua idiota! Você não tem qualquer senso do que fazer com um objeto como este? Você não sabe que pode ser acusada de estar em conivência com a sra. Piper se deixar a sombrinha ali? Pode-se pensar que por este gesto você esteja convencendo uma nota ou qualquer informação à sra. Piper sobre uma de suas filhas, por exemplo. Leve sua sombrinha para cima até se estiver molhada e no futuro você entenderá”. (28)

Houve também o caso do prof. James Hervey Hyslop, que, na ocasião de suas duas ou três primeiras reuniões com a médium, tomou a extraordinária precaução de colocar uma máscara até entrar no cômodo, removendo-a somente após a médium entrar em transe e colocando-a novamente antes dela recobrar a consciência!

Entre os experimentos iniciais e chocantes, o prof. William James verificou que durante o transe a sra. Piper tinha os lábios e a língua insensíveis à dor. O dr. Hodgson confirmou esse estado colocando uma colher na boca da médium. O dr. Hodgson também aplicou amônia forte na narina dela e verificou que ela não apresentava sinais de desconforto. Ainda para observar a insensibilidade dela durante o transe, o investigador da Sociedade para Pesquisas Psíquicas colocou um palito aceso contra o braço dela, concluindo que ela não reagia.

Porém, a mais drástica experimentação sobre a sensibilidade foi realizada pelo prof. William James. Durante uma reunião com a presença de sua esposa, ele fez uma pequena incisão no punho esquerdo da sra. Piper. Durante o transe, não se informou nada sobre o ato e a ferida não sangrou; mas, imediatamente após ela recobrar a consciência, a ferida sangrou. A sra. Piper ganhou uma cicatriz em seu pulso esquerdo.

Durante a estadia na Inglaterra, também ocorreram testes similares. O prof. Lodge introduziu uma agulha na mão dela e, em outra oportunidade, o prof. Charles Richet⁶ inseriu uma pena na narina da médium. Nas duas circunstâncias a sra. Piper não apresentou nenhum desconforto.

Em condições normais, verificou-se que Leonore Piper é extremamente sensível à dor.

Todavia, a própria sra. Piper relatou suas sensações quando entra e sai do sono profundo do transe: “Eu sinto como que alguma coisa passasse sobre meu cérebro, fazendo-o insensível, uma sensação similar à que experimentei quando fui anestesiada, somente o desagradável odor do éter estava ausente. Senti um pouco de frio, como se uma brisa fria passasse sobre mim e as pessoas e objetos tornaram-se pequenos até finalmente desaparecerem; então, não conheci nada mais até acordar, quando a primeira coisa de que tive consciência foi um brilho, uma luz muito brilhante, e então a escuridão. Minhas mãos e braços começam a picar como um pé fica depois de ficar adormecido e eu vi, a grande distância, objetos e pessoas no cômodo, mas eles eram muito pequenos e escuros. Oh! como vocês são negros!”. (28)

Antes de sua morte o prof. William James deixou escrita uma observação confidencial sobre a médium Leonore Piper:

“O Dr. Hodgson sentiu que a hipótese de fraude não poderia ser seriamente encarada. Concordo com ele totalmente. A médium tem ficado sob observação, boa parte do tempo sob observação cerrada, bem como das condições de sua vida, por uma grande parte de pessoas, desejando apanhá-la em circunstâncias suspeitas, por 15 anos. Durante esse tempo não somente não

houve uma simples circunstância suspeita, mas nenhuma sugestão tem sido levantada por qualquer ângulo que poderia levar possivelmente a explicar como a médium, visando a aparente vida que leva, poderia coletar informações sobre tão grande número de reuniões por meios naturais”. (28)

VIII

Manifestações de Pelham

No retorno da Inglaterra a médium sentiu os efeitos da longa viagem, do clima e das longas reuniões cercadas de inúmeros cuidados. Em conseqüência, resumiu suas atividades no restante do ano, inclusive para remontar sua casa no bairro de Arlington, imediações de Boston. Esse bairro é descrito com carinho por Alta Piper – dos mais saudáveis e belos locais – onde a casa deles estava próxima ao topo de um grande pico, de onde se admirava muitos outros subúrbios e onde cresciam belas árvores.

Durante nossa estadia em Boston, tivemos oportunidade de passar pelos bairros descritos por Alta Piper. Apesar do cosmopolitismo de Boston, a colina onde se localiza Arlington é realmente linda, principalmente no outono. De resto, toda a paisagem naqueles bairros e suas cercanias é muito bela, cativante e plena de evocações históricas.

A filha se expande nas gratas recordações do lar dos pais, lembrando as brincadeiras no inverno e fora dele, o gosto pela música, a ponto de formarem um grupo em casa. O pai tocava piano e violino, a irmão tocava piano, ela tocava violino e um amigo a flauta.

Para a filha, os anos que se seguiram ao retorno da viagem à Inglaterra e até 1904, quando faleceu seu pai, não foram anos felizes. Porém foram marcados pelo desenvolvimento ou ampliação dos dons de sua mãe. O dr. Phinuit manteve-se em comunicações até o ano de 1892. Em 20 de outubro de 1891 o dr. Hodgson escreveu-lhe, da cidade, comentando entusiasticamente o resultado de reunião de sua secretária, a srta. Edmunds, com o citado espírito. Em 1892 se iniciaram as manifestações de George Pelham (pseudônimo) ou “G. P.”, que prosseguiram até a reunião de 24 de janeiro de 1897. George Pelham, que desenvolveu a escrita automática ou psicografia, embora não fosse um fenômeno inteiramente novo, transformou-a na manifestação mais utilizada. Com Phinuit predominou a manifestação verbal

ou psicofonia; o contraste entre a voz pesada e rouca dele e a voz clara e agradável da sra. Piper era muito sugestivo da presença de uma personalidade estranha.

O novo “controle”, George Pelham, embora tenha sido educado como advogado, preferia dedicar-se à filosofia e literatura, tendo publicado dois livros. Ele e o dr. Hodgson eram amigos e foram a fundo em discussões sobre as possibilidades de vida futura; Pelham defendia a idéia de que era não somente improvável, mas inconcebível, enquanto o dr. Hodgson afirmava que se não era provável, era pelo menos concebível.

Antes de sua morte, Pelham combinou com o dr. Hodgson que quem falecesse primeiro poderia comprovar o fato. Poucos meses depois, em fevereiro de 1892, aos 32 anos de idade, Pelham faleceu em New York, vítima de uma queda. Aproximadamente 4 ou 5 semanas depois Pelham se manifestou por intermédio da sra. Piper em reunião em que estavam presentes o dr. Hodgson e um amigo. Assim, cumpria a promessa e trazia as novas de sua descoberta.

Entre os anos de 1892 a 1898, o espírito Pelham dialogou com umas 130 pessoas, das quais uma 30 ele havia conhecido em vida; não somente as reconheceu e as chamou pelo nome, mas manteve o tom e a maneira que costumava usar em vida.

Em 1893 Myers foi a Chicago participar de um Congresso e escreveu à médium que pretendia passar por Boston. Escreveu-lhe que o interesse pelos seus fenômenos continuava crescendo na Inglaterra. A sra. Piper se encontrava de férias em White Mountais (New Hampshire), mas retornou a Boston a tempo de recepcionar o visitante inglês. Myers participou de reuniões com a médium e foram as últimas reuniões com ela, pois ele faleceu em 1901 e nesse ínterim não retornou aos Estados Unidos e nem ela foi à Inglaterra.

IX

Fases da mediunidade da sra. Piper

Leonore Piper esteve muito doente em 1890 e sua saúde permaneceu precária por algum tempo (33). Em 1893 ela precisou se submeter a uma cirurgia (laparatomia, segundo Sage) (33), em decorrência da injúria que sofreu em um acidente com trenó, alguns anos antes. Em 1896 submeteu-se a uma segunda cirurgia, de hérnia. Nesse período os fenômenos declinaram um pouco.

Os fenômenos da sra. Piper podem ser divididos em três estágios: (25)

- o primeiro, que se iniciou em 1884 e se prolongou por 8 anos, com as manifestações do dr. Phinuit;
- o segundo começou com George Pelham, em 1892, evidenciando-se a psicografia; e
- o terceiro se iniciou em 1897 com as manifestações do grupo Imperator, Doctor e Rector, através da psicofonia e da psicografia.

Durante a fase de manifestações de Pelham, ela desenvolveu com grande eficiência a psicografia, embora também ocorresse a psicofonia. Uma característica também interessante nessa fase foram as comunicações simultâneas com dois ou três consulentes. Em algumas ocasiões, três consulentes receberam três comunicações, completamente distintas na característica, por meio do uso simultâneo das duas mãos e da voz. Numa dessas tríplexes manifestações em uma reunião com a srta. Edmunds, secretária do dr. Hodgson, a irmã dela escreveu por um braço, George Pelham pelo outro, enquanto Phinuit se manifestava pela psicofonia.

Nas psicografias, às vezes, as palavras se superpunham e algumas pessoas tinham dificuldade em lê-las. No entanto, as filhas e o dr. Hodgson liam as mensagens sem dificuldades.

Myers (25) afirma que as manifestações da sra. Piper não estão acompanhadas de qualquer fenômeno de telequinésia; e, depois, seu *eu* supraliminar não apresenta o menor vestígio de

uma capacidade supranormal qualquer. Ela dá um exemplo de automatismo extremo... – Em outros termos, “entra num estado em que os órgãos da palavra e da escrita são guiados por outras personalidades que não a sua personalidade normal desperta”.

Phinuit pretendia sempre ser um espírito em comunicação com outros espíritos e possuía o costume de dizer que recordava suas mensagens somente durante alguns minutos após “ter entrado no campo mediúnico” e que a seguir suas recordações se confundiam e não era capaz de partir sem esgotar sua provisão de fatos. “... afirmo que se esses exemplos de comunicação, procedentes de espíritos extraterrenos, devem ser um dia aceitos pela ciência, as mensagens de Phinuit poderão, apesar de todos os defeitos e todas as suas incoseqüências, ser acrescentadas a esse número” (25). Há afirmações, sem comprovações, de que Imperator teria conceituado Phinuit como um espírito inferior, ligado à terra. Phinuit teria sido confundido e perdido desde suas primeiras tentativas de comunicação e perdeu, por assim dizer, “a consciência de sua própria identidade pessoal”. Esse ponto de vista também é lembrado por Léon Denis, que o considerava um espírito inferior (7). Phinuit geralmente se colocava na posição de intermediário, reproduzindo as comunicações transmitidas por parentes ou amigos de pessoas presentes às reuniões. Por coincidência, Phinuit não se manifestou mais, desde janeiro de 1897, época em que Imperator começou a supervisionar as comunicações da sra. Piper.

Myers (25) considera a série de reuniões durante o período de 1892 a 1896 como as mais importantes.

Com o advento do grupo Imperator, em 1897, as comunicações assumiram uma dignidade e nobreza e ainda uma característica quase que religiosa. A médium Piper estava fatigada pelas suas reuniões e sua saúde em geral, apesar das melhoras propiciadas pelas cirurgias, era recuperada gradualmente. O dr. Hodgson percebeu as alterações: “Ela entra em transe calmamente, silenciosa e gentilmente...” e pelo prof. Lodge: “Nos outros tempos, o tom não era tão dignificante e sério como agora...” (28). Inclusive, nas conversações de Rector, há quase que

pouca imaginação e o diálogo transcorre silencioso, carinhoso, semelhante “à paz do santuário de qualquer catedral” (28).

A nova postura mediúnica da sra. Piper e o teor das comunicações provocaram uma completa reversão de atitude, inicialmente beligerante e cética, no dr. Hodgson. Este chegou a declarar em 1898: “Não tenho nenhuma dúvida de que os principais “comunicantes”, aos quais me referi anteriormente, são verdadeiramente as personalidades que eles dizem ser, que sobreviveram à mudança chamada morte e que se comunicam diretamente conosco, que nos intitulamos vivos, por intermédio do organismo da sra. Piper” (28). Após esse registro, extraído de sua publicação nos *Proceedings* (vol. XIII), o dr. Hodgson, que faleceu em 1905, não escreveu mais nada sobre o fenômeno Piper.

X

Críticas e controvérsias

Surgiam também opiniões bem críticas e até contrárias à sra. Piper; algumas se tornaram reversíveis.

Em 1898, o prof. William Romaine Newbold ⁷ publicava um trabalho (27) com suas observações a respeito de 26 reuniões com a sra. Piper, sob a supervisão do dr. Hodgson. Relacionou 14 relatos de diálogos. Afirmou que há razões para acreditar que não há memória entre o estado de consciência da sra. Piper e o estado de transe. Ficou convencido da identidade, mas não elaborou teorias para explicações.

No mesmo ano, o prof. Hyslop substituiu temporariamente o dr. Hodgson como chefe experimentador. Começando pela posição de ceticismo, aos poucos foi levado pelas próprias experiências à mesma conclusão: “Estive conversando com meu pai, meu irmão, meus tios”. (8)

Em publicação realizada em 1900, a sra. Sidgwick ⁸ discute o fenômeno Piper, basicamente entre telepatia e “possessão” para explicar as comunicações. Comenta que a íntima conexão entre a possibilidade de comunicação com os mortos e a teoria da telepatia, passa a ser conveniente. A sra. Piper prova não somente que há comunicação telepática entre sua personalidade de transe e pessoas vivas, mas que o conhecimento é, de alguma forma, derivado daqueles que estão mortos; nós ainda não temos suficiente razão para pensar que a inteligência atualmente comunicando-se por voz ou escrita seja outra do que a da própria sra. Piper (35). Inclusive, a sra. Sidgwick se opôs à hipótese que o dr. Hodgson se inclinava a aceitar, ou seja, de que se tratava de comunicação de espíritos. Em outra oportunidade (25), a sra. Sidgwick defende o ponto de vista de que enquanto em transe, provavelmente os mortos influenciam a sra. Piper telepaticamente, os “controles” e comunicantes constituem uma série de personalidades secundárias. Isto significa que a comunicação não era diretamente com o morto e que as personalidades do transe

simplesmente copiavam a mente do morto. Em 1915 a sra. Sidgwick publicou um estudo sobre a psicologia do transe da sra. Piper e que foi considerado o mais completo estudo psicológico sobre qualquer médium (34). Ela defende enfaticamente que não tem dúvidas de que o conhecimento freqüentemente exibido nos tranSES da sra. Piper só poderiam ter surgido por algum meio supranormal. Não discute tais evidências e se detém em examinar a situação dos “controles”, suas relações com o médium e entre eles mesmos. Todavia, Salter (34) lastima que apesar do estudo ela mantém opiniões antigas, de que “a inteligência comunicante diretamente com o consulente, através do organismo da sra. Piper, é a sra. Piper”. A respeito das posições céticas da sra. Sidgwick, seu irmão, o Lord Balfour (ex-primeiro ministro da Inglaterra) declarou ao ler relatórios dela sobre atividades da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, em 1932: “Tenho certeza de que a sra. Sidgwick mantém para si mesma uma firme crença na sobrevivência e na realidade das comunicações entre os vivos e mortos”. (11)

Ainda em publicações realizadas nos *Proceedings*, lemos em volume de 1900 trabalho de Andrew Lang⁹ sobre a telepatia e a sra. Piper. O autor critica o comunicante dr. Phinuit, que embora se diga um médico francês, é notoriamente ignorante do francês e não há dados sobre sua vida para se realizar verificações. As manifestações dele provocam má impressão em pessoas inteligentes. Lang não aceita a teoria de “possessão”, mas não vê razão para a hipótese segundo a qual a sra. Piper receba comunicações telepáticas dos mortos. Ela recebe comunicações de simples pensamento que foi conhecido a uma pessoa morta, mas não de um homem ou de uma mulher vivos? (21)

Em 20 de outubro de 1901 o jornal *New York Herald* publicou uma nota como se fosse uma confissão da sra. Piper, falando a favor da telepatia como explicação para seus fenômenos e colocando em dúvida a crença na manifestação dos espíritos. A sra. Piper rebateu a informação e fez publicar um desmentido no jornal *The Boston Advertiser*, em 25 de outubro de 1901, informando que ela não havia dado aquelas declarações ao jornal de

New York e reafirmava suas convicções pessoais e as de alguns pesquisadores a respeito de suas manifestações mediúnicas. (11)

Em trabalho publicado nos *Proceedings*, Frank Podmore¹⁰ anota que a inquestionável superioridade da sra. Piper sobre todos os outros médiuns profissionais é por si mesmo prova suficiente que ela não é dependente das origens comuns de informação. O autor chega a afirmar que conhece as condições e os limites de fraude e se todos os clarividentes são simplesmente enganadores, a sra. Piper seria incomparavelmente superior a todos os seus colegas (29). Em 1902 Podmore lançou a portentosa obra *Modern Spiritualism: a History and a Criticism*, depois reeditada com o título *Mediums of the 19th Century* (31). O autor dedicou um capítulo aos transe psicofônicos da sra. Piper. Todavia, ali mantém sua tônica de espírito crítico bem acentuada. Em sua opinião, o fenômeno de grandes médiuns de transe e de escrita automática, como as sras. Piper, Thompson e Verral, foi evidência para telepatia e pode indicar a influência de seres desencarnados. Ao entrar na análise da mediunidade da sra. Piper – e isto na passagem do século –, anota que ela é muito vaga com relação a datas; prefere dar nomes de batismo do que sobrenomes; raramente dá descrições de casos ou locais e, neste campo, comumente se engana. Em outras palavras, para Podmore ela é mais fraca precisamente onde os pseudomédiuns são bem sucedidos. Sua real força consiste em descrever doenças, idiosincrasias pessoais, pensamentos, sentimentos e características triviais mais significativas de consulentes e seus amigos. Em algumas circunstâncias, Podmore rejeita a interpretação da telepatia e em outras chega a não acreditar na autenticidade das comunicações. Ressalvamos que sua análise crítica foi feita antes de definições importantes por parte de pesquisadores e também antes de outras fases da mediunidade da sra. Piper.

Em artigo publicado nos *Proceedings* de 1903, Podmore (30) rebate opiniões do prof. Hyslop sobre a sra. Piper: “O pai do prof. Hyslop não pode ele mesmo, *ex hypothesi*, controlar os movimentos corporais da sra. Piper. São funções tão delicadas e imprecisas para serem executadas por um espírito. O pai, tio, irmão ou outro espírito comunicante, dita o que ele deseja dizer a

um dos costumeiros “controles”, usualmente “Rector” ou “G. P.”, os quais vertem a mensagem na forma da atividade muscular da sra. Piper”. Sugere ainda futuros estudos, porém se mostra inclinado a aceitar, como o prof. Hyslop, que a médium não utiliza fontes externas de informação.

O pesquisador Carrington ¹¹ também discutiu o fenômeno Piper e concluiu que não se opõe à filosofia do “spiritualism”, mas que ainda não dá para dizer à humanidade que a prova absoluta já foi obtida. (4)

Colecionamos algumas opiniões de obras e de volumes dos *Proceedings* que conseguimos ter acesso. Há muitos outros trabalhos. Porém, a amostra já nos oferece uma visão a respeito do posicionamento dos pesquisadores, além daqueles que a analisaram por tempo mais prolongado. Sente-se dúvidas e controvérsias principalmente nas tentativas para a explicação do fenômeno. Porém, apesar disto, é evidente que todos reconhecem a existência de um fenômeno diferente em Leonore Piper. Como anotou Podmore, ela seria, pelo menos, muito superior a todos os enganadores! Dentro de todas essas opiniões e em face da declaração de Lord Balfour a respeito de sua irmã, ficamos em dúvida se o academicismo e posições preconcebidas não estariam falando mais alto...

XI

As mortes do sr. Piper e do dr. Hodgson

Em junho de 1904 faleceu William Piper – o marido da médium –, que por algum tempo permaneceu inválido. A partida dele deixou um vazio na vida e nos corações da família. No ano seguinte outro evento alterou a rotina da residência dos Piper. Na tarde de 20 de dezembro de 1905, repentinamente, faleceu o dr. Hodgson, ao sofrer um ataque cardíaco durante partida de handball no Union Boat Club, em Boston. No dia seguinte o jornal diário anunciou a sua morte na primeira página. Alta ficou em dúvida sobre como levaria a notícia à sua mãe, que ainda não havia se levantado.

Alta se lembrou que sua mãe estava sem sono no começo da noite anterior e resolveu procurá-la para conversar. Leonore Piper, de início, tinha contado as dificuldades para dormir e o sonho que teve. Havia se recolhido por volta das 21:30 e, após um começo de sono desconfortável, às 23:40 foi à sala de jantar tomar um drinque quente pensando que isto poderia induzi-la ao sono. Retornou à cama e permaneceu desperta, tendo a impressão de que alguém estaria presente no quarto, andando por ali. Isto a perturbou tanto que teve o impulso de se levantar e acender a luz para ver se havia alguém presente. Após o relógio bater uma hora, adormeceu e, repentinamente, acordou às 4 horas. Tinha sonhado que experimentava entrar em um túnel que parecia escuro. Como ela olhou para dentro do túnel e chegou até a sua entrada, viu um homem com barba, com chapéu esportivo, mas não reconheceu a face. Parou em frente à entrada e o homem levantou a mão como um alerta para prevenir a entrada dela. Como ele estendeu a mão, ela subitamente acordou e foi até a janela ver a chuva que batia nos vidros. Fechou a janela e ainda dormiu mais umas duas horas. Às 7:30 contou às filhas o acontecido, dizendo-se impressionada que a mão parecia muito com a mão do dr. Hodgson. Às 8:30 Alta retornava ao quarto da mãe para conversar e trazer o jornal do dia, contendo a notícia da morte do dr. Hodgson.

Futuramente, em um arquivo de cartas do dr. Hodgson, encontrou-se uma missiva dele dirigida a um amigo inglês. Na cópia, datada de 20 de fevereiro de 1905, dizia que “G. P.” sugeria que aquele poderia ser o último período com a sra. Piper, mas que ele não saberia o que iria acontecer. Não se sabe se o dr. Hodgson teve maiores informações, se suspeitou de alguma coisa ou se a mensagem foi propositadamente velada.

XII

Relatos do prof. Hyslop

O prof. James Hyslop, que chegou mascarado às primeiras reuniões com a médium e que se convenceu com as manifestações de seus familiares, escreveu vários artigos e livros, com citações sobre a sra. Piper.

Em *Enigmas of Psychical Research* (14) relata interessante caso de clarividência, evocando a sra. Piper e o espírito Phinuit. Ao apresentarem uma caixa fechada contendo artigos no seu interior que não eram conhecidos pela médium e pela consulente, os nomes e incidentes relacionados com o conteúdo da caixa foram nomeados.

Hyslop justifica a grande publicidade dada ao caso da sra. Piper de uma forma muito simples. Ela tem permanecido sob tantos cuidados científicos e inspeções que a mais óbvia das objeções pode ser desqualificada.

Certa feita, aproximadamente um ano antes de um acontecimento, Hyslop recebeu uma mensagem de seu pai por intermédio da sra. Piper. Alertava-o sobre umas experimentações com um médium fraudulento de New York e passava-lhe uma sentença em uma linguagem que a sra. Piper não conhecia e dizia-lhe que no futuro ele só iria reconhecer sua presença outra vez quando recebesse essa sentença em conexão com seu nome.

A essa altura, o prof. Hyslop realizava uma série de reuniões em sua própria casa, simultâneas com as reuniões do dr. Hodgson com a sra. Piper. Numa dessas reuniões, em sua casa, a sra. Smead, depois de algumas dificuldades em psicografar, finalmente recebeu uma palavra da sentença passada em conexão com o nome de seu pai. Tal linguagem não era familiar à sra. Smead.

XIII

O retorno à Inglaterra

No começo de 1906 um membro do ramo americano da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, Mr. B., com a sanção do prof. William James, convenceu a sra. Piper a voltar à Inglaterra, o que foi reforçado com um convite formulado pela sra. Lodge, sob orientação do próprio marido.

Ao mesmo tempo a médium pensava em se mudar para uma casa pequena, mais próxima à cidade, pois a residência nos altos de Arlington era muito grande para elas após a morte do marido e da sogra. Assim, ela resolveu aceitar o convite da Sociedade, antes porém arrumando nova casa.

Ao chegarem a Liverpool foram recepcionadas pelo sr. Edwin Thompson. Durante a primeira semana a sra. Piper sofreu uma forte gripe contraída na viagem, mas, mesmo assim, realizou várias reuniões com familiares do sr. Thompson e com o prof. Lodge, que já estava residindo em Birmingham. Tão logo ela melhorou da gripe, o prof. Lodge levou-as para a residência de Mariemont. Lá seus doze filhos (seis meninas e seis meninos) as esperavam. Era uma grande família que vivia em harmonia e devotamento entre si. As Piper passaram momentos alegres durante as três semanas que visitaram Mariemont. Toda noite Lodge reunia a família e os visitantes para uma leitura e lanche. (20 e 28)

Era dezembro – em pleno inverno –, quando Lodge as acompanhou a Londres. Foi durante essa estadia que surgiram as famosas “*cross correspondences*” (“correspondências cruzadas”), introduzindo uma nova fase na pesquisa psíquica.

XIV

As “correspondências cruzadas”

Nessas experiências de “correspondência cruzada” – também conhecidas como “mensagem latina” –, três médiuns psicógrafos tomaram parte: a sra. Piper, em Londres; a sra. Verral¹² e a srta. Verral, em Cambridge. Nessas manifestações o mesmo espírito se manifestava por dois ou três médiuns, fornecendo mensagens fragmentárias a cada um deles. Apenas quando se reuniam as duas ou três comunicações é que se verificava a interligação entre elas. Assim, dois médiuns recebiam duas diferentes mensagens, mas a conexão entre ambas surgia numa terceira mensagem, obtida por outro médium. As mensagens eram recebidas em latim e vertidas para o inglês pelo Dr. A. W. Verral.¹³

Esses experimentos começaram em Londres na manhã do dia 17 de dezembro de 1906 e se estenderam até o dia 2 de junho de 1907. Para identificação, as letras “U.D.” – abreviaturas para o verbo “to understand” – eram usadas por Rector e por Myers. Como o mesmo espírito se manifestava por vários médiuns, as comunicações provenientes do espírito Myers obtidas pelas sras. Piper e Verral e a srta. Verral eram designadas, respectivamente: Myers-p, Myers-v e Myers-HV.

Na primeira reunião o sr. Piddington¹⁴ deu a Rector, que agia como intermediário para Myers-p, as primeiras nove palavras da “mensagem latina”, pronunciando sílaba por sílaba e soletrando letra por letra, de cada palavra; esse método ele continuou a usar durante toda a experiência. Na manhã do dia 17, quando o sr. Piddington dava a última palavra, o relógio marcava 12 horas. Em Cambridge, nessa mesma hora, a srta. Verral escrevia um poema. Nas linhas do sr. Piddington haviam sinais do poema *Abt Vogler*, a estrutura sobre a qual se assentava essa correspondência cruzada e refletiam linhas de outro poema. No caso, uma palavra – “estrela” – passou a ser importante elemento para compor a complexa correspondência cruzada.

Em outras reuniões Rector escreveu que Hodgson estava ajudando Myers com suas versões. Lembramos que Myers era um literato e nessas correspondências seu espírito usava, geralmente, do recurso de poemas clássicos. Além dos poemas também surgiam monogramas e anagramas.

Essas correspondências foram criticadas por vários pesquisadores. O sr. Piddington julgou que não era propriamente a mente de Myers, mas uma imitação artística deliberada de suas características mentais.

Por outro lado, Sir Oliver Lodge e Sir William Barrett ¹⁵ opinariam favoravelmente, anotando o último que “certamente nenhuma inteligência encarnada as teria planejado, coordenado e dirigido”. (28)

Voltando de uma viagem à Europa, o prof. William James escreveu à sra. Piper, em 1908, comentando as opiniões favoráveis de vários membros da Sociedade para Pesquisas Psíquicas.

XV

O anfitrião Oliver Lodge

Em maio de 1907 a família Piper retornou a Mariemont, nos arredores de Birmingham. As meninas adoraram a estadia, revendo o alegre lar dos Lodge. Alta conta que como seria de se esperar, Sir Oliver Lodge – como Reitor da Universidade de Birmingham – teve considerável interesse no currículo da escola particular em que ela e Minerva estudavam nos Estados Unidos. Todavia, ele considerou a omissão no estudo de Astronomia uma negligência. Uma noite, após o jantar, quando o céu estava bem claro, ele utilizou um enorme telescópio para instruí-las sobre os mistérios celestiais e lhes ofertou, com dedicatória, seu livro *Pioneiros da Ciência*.

Outro dia, Oliver Lodge levou-as a Stratford-on-Avon. Durante a viagem elas ficaram impressionadas com a organização e o poder de concentração e de atenção dele. No trecho de trem ele se manteve em leituras sobre seu trabalho. Nas visitas, em Stratford-on-Avon, Lodge destacou a casa onde nasceu John Harvard, o fundador do *Harvard College*, em Cambridge (subúrbio de Boston). Nas visitas, Sir Oliver Lodge foi reconhecido por um vigário que lhe pediu autógrafo em um livro.

Os campos do chamado “coração da Inglaterra” são muito belos. As paisagens e os passeios a Stratford-on-Avon e seus arredores são inesquecíveis.

Outro dia, Alta foi surpreendida com um convite do ilustre homem para jogar uma partida de tênis com ele.

Alta confessa que em suas lembranças – entre professores e pesquisadores que teve o privilégio de conhecer em decorrência das pesquisas que fizeram com a mediunidade de sua mãe – o dr. Richard Hodgson e Sir Oliver Lodge deram-lhe “a marcante impressão de completa normalidade e sanidade. Ambos fortes, viris, que ainda combinavam com seus esplêndidos desenvolvimentos físicos e finas mentalidades uma profunda natureza

espiritual...” (28). A sra. Piper também tinha essa opinião, considerando-os esplêndidas personalidades.

Após a estadia no lar dos Lodge, elas seguiram, em junho, para Tarbert, vila nos arredores de Kyles of Butte, na Escócia, onde residia o sr. Thompson. Em seguida retornaram a Liverpool, onde no dia 7 de junho de 1907 embarcaram para New York.

XVI

Relato de casos

Relacionamos alguns casos envolvendo a mediunidade de Leonore Piper. São apenas algumas ilustrações, porque em cada trabalho publicado sobre ela há dezenas deles, a ponto de alguns trabalhos se tornarem maçantes.

Caso da srta. Pitman

Em 1888, a srta. Pitman, membro do ramo americano da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, teve duas reuniões com a sra. Piper. Numa delas, Phinuit contou-lhe que ela ficaria muito doente e que iria a Paris, deu ênfase à enfermidade, dizendo-lhe que seria uma grande fraqueza de estômago e da cabeça. A srta. Pitman insistiu em detalhes, mas Phinuit dava respostas evasivas. Inclusive, pediu a intermediação do dr. Hodgson. Pouco tempo depois a srta. Pitman tornou-se muito enferma e foi atendida pelo dr. Hubert, que diagnosticou uma inflamação do estômago. A srta. Pitman chegou a pensar que Phinuit havia cometido uma injustiça ou se enganado. Depois de algum tempo ela foi a Paris, acabou ficando doente outra vez e foi atendida pelo dr. Charcot de um sério problema mental e num espaço curto de tempo acabou falecendo. (28)

O anel do prof. Nichols

O prof. Nichols, do Harvard College, e sua mãe deram-se a cada um um anel de presente de Natal. Gravaram nos anéis a primeira palavra do provérbio favorito do doador do anel. Assim, ele recebeu o anel de presente da mãe contendo a palavra da preferência dela. Quando a mãe do prof. Nichols faleceu ele já havia perdido o seu próprio anel há muitos anos atrás. Um ano após a morte de sua mãe, o prof. Nichols resolveu visitar a sra. Piper; ele tinha em sua mão e “em minha mente somente” o anel que havia dado à sua mãe, o qual retirou da mão dela por ocasião da morte. Na reunião, a mãe se manifestou e atendendo à indaga-

ção dele sobre o que estava escrito no anel, o espírito falou-lhe a palavra que estava escrita no anel perdido e que ela havia dado ao filho. (28)

O tio de Oliver Lodge

No dia da primeira reunião com o prof. Lodge, por ocasião da primeira visita da sra. Piper à Inglaterra, um tio dele, já idoso – tio Robert –, enviou-lhe um relógio que era uma verdadeira relíquia e que havia pertencido ao seu falecido irmão, Jerry.

Naquela manhã ninguém na residência do prof. Lodge tinha conhecimento sobre o fato. O prof. Lodge mostrou-o à sra. Piper em transe e contou-lhe que havia pertencido a um tio que faleceu em uma queda e que até há pouco o relógio estava em poder do tio Robert. Em transe, ela respondeu-lhe: “Este é o meu relógio e Robert é meu irmão e estou aqui. Tio Jerry..., meu relógio”. O prof. Lodge ficou surpreso porque tudo isso acontecia na primeira reunião com a médium e, coincidentemente, na mesma manhã em que o relógio havia chegado pelo correio. E o comunicante continuou a conversar dando informações que seriam compatíveis com as de um familiar falecido. Inclusive, dados de sua meninice, que o próprio Lodge jamais ouvira falar. Comentou Lodge: “Referências à sua cegueira, doença e vários fatos de sua vida foram comparativamente viáveis sob o meu ponto de vista; mas, detalhes sobre a meninice, há dois terços de século atrás, foram totalmente inesperados...”

O prof. Lodge tomou as providências para obter confirmações sobre os detalhes oferecidos pelo comunicante. Enviou um detetive à cidade onde o tio Jerry havia vivido, mas este não encontrou pessoas antigas que tivessem convivido com ele. Consultou tio Robert, mas este também não se recordava dos detalhes. Finalmente, foi necessário que ele recorresse ao tio mais velho – Frank –, o qual confirmou as informações.

O espírito Phinuit ainda forneceu outras informações familiares que impressionaram muito o prof. Lodge. (20, 28)

O incidente do anel

Por ocasião de seu 50º aniversário o dr. Hodgson recebeu de presente um anel maciço, ofertado pela sua velha amiga sra. Lyman. Esta também se interessava pelos fenômenos de Leonore Piper. A origem do anel o dr. Hodgson não revelou a ninguém. Após sua morte a sra. Lyman tentou reaver o anel, solicitando-o do administrador de seus bens. Porém, foi impossível reavê-lo.

Na reunião do dia 28 de dezembro de 1905, quando ocorreu a primeira manifestação do espírito Hodgson, o espírito Rector disse à srta. Pope também presente: “Ele tem um anel em sua mão; compreende o que isto vos diz?”

Depois a sra. Piper disse tratar-se de um anel muito bonito e Rector escreveu: “Marguerite” e “a BL”.

A 16 de janeiro de 1906 a srta. Pope retornava à reunião e o espírito Hodgson voltou ao assunto do anel, pedindo-lhe que o entregasse a Marguerite. Em reunião do dia 24 de janeiro, a sra. Lyman comparecia à sua primeira sessão e Hodgson escreveu sobre o anel que ela o havia presenteado nos seus 50 anos. Na reunião do dia 29 de janeiro Hodgson quer fazer luz sobre o anel. “Isto me preocupa constantemente. Penso que se puder ajudar Margaret B. ... vos doarei por seu intermédio e a pessoa não compreenderá”. Disse-lhe em seguida que tudo se aclararia com o tempo e que desejava que o anel retornasse a ela. Acreditava que Marguerite compreenderia e seria feliz com isso. Insistiu que não comentasse nada com a srta. Pope.

Prosseguiram as reuniões e a 5 de março o espírito Hodgson voltou ao assunto com a sra. Lyman. Surgiram lembranças do último dia em que ele compareceu ao clube náutico, pois ali faleceu repentinamente durante partida de hand-ball. Hodgson conta que tinha um anel no dedo quando se dirigiu ao clube e que, apesar de um pouco de bruma, as idéias ainda eram claras: “Eu o coloquei dentro do bolso do colete. Que fizeram de meu colete?”.

Em 16 de maio o espírito Hodgson escreveu que viu um homem guardá-lo dentro de seu armário: “Eu vejo tal homem e a casa onde ele habita, claramente...” e passou a descrevê-la. “Vejo

o anel em seu dedo, claramente, O colete se encontra dentro de seu quarto, apesar de que ele virá à luz, a qualquer instante...”

De fato, o anel foi devolvido dois meses depois e estava no bolso do colete que pertenceu a Hodgson e se encontrava na residência de M. Dorr, que havia sido designado administrador dos bens deixados por Hodgson.

William James (15) comenta que o fato se presta a uma interpretação natural. A sra. Piper, ou sua consciência mediúnica, sem dúvida levou a esclarecer a origem do anel. Apesar de alguns enganos nas descrições e na localização da residência, William James concluiu: “ao admitir seriamente a hipótese de que o espírito de Hodgson se achou dentro de um estado de confusão e se serviu do automatismo permanente de Piper, como intermediário, expôs os fatos por inteiro, não somente plausíveis, mas naturais”.

A sra. Lyman deu suas impressões e esclareceu que a srta. Pope ajudou telepaticamente, pelo conhecimento de que ele portava um anel de aspecto inusitado, o qual estava ausente após sua morte. A srta. Pope pensou que o anel seria um bom testemunho na sua primeira conversação com o espírito. A palavra “Marguerite” e as letras B e L que surgiram na menção ao anel, na primeira reunião, se referiam a Marguerite Bancroft e a ela mesma, Lyman.

Continua James em suas observações: “O caso do anel me parece ser um exemplo típico das ambigüidades de interpretações possíveis, que se faz uma constante no fenômeno Piper”, e após conjecturar sobre possíveis falhas do Espírito e na percepção da mensagem, comenta que “o valor científico é escasso, porém a experiência mostra, eu penso, que um grande número de fatos, alguns mais marcantes do que outros, produzem sempre um efeito cumulativo sobre o espírito do experimentador que em meu caso, por estes fatos, me inclino pelo ponto de vista espírita”. (15)

O caso da “fala negra”

Em 27 de fevereiro de 1906, por ocasião de uma reunião dirigida com o concurso do prof. Hyslop, o espírito Hodgson anotou: “Lembro-vos então: eu disse a Myers que falaríamos pequeno negro – Myers – nós falaríamos negro”.

O prof. Hyslop escreveu imediatamente a William James que se encontrava na Califórnia, relatando o texto do diálogo. Três meses mais tarde, após retornar a Cambridge,¹⁶ William James discutiu as características da mensagem. Pensou que fosse, provavelmente, a verborragia sacerdotal do grupo Imperator e chegou a associar com “a linguagem dos músicos negros”. Pensou em várias outras hipóteses e até trabalhou em torno da memória de um Hodgson sobrevivente. “É inacreditável que Hodgson jamais houvesse repetido semelhante observação à sra. Piper, no estado de vigília ou no estado de transe, que parecesse uma boa prova de sua sobrevivência a ela”. (15)

Depois de reuniões e de consultas, inclusive a registros escritos, M. Piddington mostrou a prova que Hodgson havia empregado o termo “fala negra” ao se dirigir ao espírito Myers, de maneira que a expressão poderia ser considerada como parte do vocabulário da sra. Piper, sob o estado de transe. Assim, verificou-se que em reunião de 4 de fevereiro de 1902 o dr. Hodgson se dirigiu ao espírito Myers: “... que vos veria de novo qualquer dia e que vosalaria pequeno-negro!”. (15)

Quatro anos após a citação inicial e dois meses após a morte de Hodgson, este usava as palavras como forma de identificação.

XVII

Pensamentos espirituais

Alta Piper (28) relacionou alguns aforismos que considerou típicos do segundo período da mediunidade de Leonore Piper. Seleccionamos alguns deles.

“Olhe para a música, arte e todas as coisas boas e puras; escute o melhor que está dentro de tudo e escute as canções dos pássaros; estude as flores que iluminam seu mundo; os altos pensamentos do que há de melhor em sua vida predominarão e crescerão e receberá tudo o que é bom e sagrado.”

“Em todas as coisas espirituais há grande amor e isto sempre permanecerá.”

“Viver o melhor de si e crer nos poderes de Deus para ajudar a ser bom.”

“Eu vi o melhor que há dentro de mim e estou tão consciente de minha própria fraqueza, mas desejo jogar fora todas essas condições e viver absolutamente pelo melhor.”

“Seja caridoso com todos e segure a malícia em direção de ninguém. Seja coração aberto, mente aberta, verdadeiro com todos em todas as coisas.”

“Não viva no passado, mas no presente e no futuro tanto quanto possível.”

“Nossas vidas materiais são para fins sagrados. Não há histórias.”

“Não há realmente separação entre a vida daí e daqui e seus interesses são sempre nossos em cada dia de suas vidas; e em cada coisa que vocês realmente desejam nós estamos com vocês em pensamento.”

XVIII

Relato das pesquisas de William James

A obra *Experiências de um Psiquista* (15) reúne observações e relatos do psicólogo William James sobre fenômenos mediúnicos em geral, escrita automática (psicografia), transmissão do pensamento, clarividência, consciência de membros perdidos e, ainda, alguns discursos e conferências do autor. Todavia, o livro é principalmente baseado na mediunidade de Leonore Piper.

A edição francesa da referida obra (1924 e 1972) conta com introdução de René Sudre, conhecido metapsiquista. Recorda a fundação do ramo americano da Sociedade para Pesquisas Psíquicas inglesa, que contou com cinco comissões. William James fazia parte da Comissão de Hipnotismo e da Comissão de Fenômenos Mediúnicos. Sudre destaca que a clarividência dos *sujets* no estado de transe atraíram a atenção dele por longo tempo. James estudou diversos, mas foi a célebre sra. Piper que arrebatou a sua convicção.

William James foi presidente da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres no exercício 1894-1895. Seu discurso de posse, lido no dia 31 de janeiro de 1894, por Fredrich Myers, foi incluído no livro. Entre outras, afirma William James: “os casos cuidadosamente estudados de “Mis X” e da sra. Piper, duas pessoas de uma constituição que estão muito acima do epíteto “psíquico” (um termo detestável, mas cômodo)...”. “Para me servir da linguagem de profissional da lógica, direi que uma proposição universal pode tornar-se falsa por um exemplo particular. Se vos alterar a lei que todos os corvos são negros, não erraria...; bastaria vos provar que existe um branco. Meu único corvo branco é a sra. Piper. Quando esta médium está em transe, não posso resistir à convicção de que dentro dela há um conhecimento que nem ela jamais revelou no uso ordinário de seus olhos, de seus ouvidos ou de sua razão”.

Em outra parte, afirma o autor: “Pelo caso da sra. Piper, médium agitada em estado de transe, ela nos parece com alguma

coisa a nos ofertar. Hodgson e outros fizeram um estudo prolongado dos transe de tal dama, e todos ficaram com a convicção de estarem na presença de poderes supranormais do conhecimento. *Prima facies*, é submetida a um “controle”. Mas as circunstâncias em si são tão complexas que uma decisão dogmática pró ou contra a hipótese espírita deve ser, no momento, adiada”.

Quando relata as manifestações de Hodgson, James inicia por historiar os fatos, os quais já registramos neste volume. O autor colecionou 69 sessões com manifestações de Hodgson; a última ocorreu a 1º de janeiro de 1908. O espírito que se manifestou mais freqüentemente durante esses anos foi a personagem intitulada Rector.

James comenta que o dr. Hodgson, quando encarnado, estava disposto a admitir a realidade de Rector e de todo o grupo Imperator; ao passo que James imaginava que seriam criações oníricas da sra. Piper, não sendo provavelmente existência de seus estados mediúnicos, mas a repetição levou a consolidar a personalidade ao ponto que eles pudessem desempenhar diferentes papéis – “Tal era, ao menos, a impressão dramática que o conhecimento das sessões provocou em meu espírito”. Mais à frente anota: “Com todo o respeito que dedico à sra. Piper, opino seguramente que suas capacidades em estado de vigília, enquanto conselheira espiritual, seriam bem inferiores às de Rector”. Para ele, Rector foi o centro em que se fundamentava solidamente os transe da sra. Piper.

Com referência às manifestações de Hodgson, inicialmente, James pondera sobre a terminologia: “Não temos necessidade de nos expressar sobre o significado da palavra “espírito”, nem sobre a existência e o poder dos espíritos. Provisoriamente confiaremos no significado indeterminado e nos contentaremos por iniciar com a noção vulgar e vaga de seu conteúdo”.

Ao tempo das primeiras manifestações, depois de levar em consideração várias hipóteses, James relaciona as prováveis origens das comunicações verídicas emanadas do “controle”¹⁷ Hodgson:

- 1) encontro momentâneo e de puro acaso;

- 2) bisbilhotice;
- 3) indicações irrefletidas forjadas pelos assistentes;
- 4) informações dadas de sua vida por Hodgson à sra. Piper, em estado de vigília e conservadas por ela em sua memória supraliminar ou subliminar;
- 5) informações dadas de sua vida por Hodgson ou por outros, em diferentes reuniões e conservadas pela memória mediúnica da sra. Piper, mais aquelas alcançadas pela sua consciência no estado de vigília;
- 6) telepatia, diria influência exercida sobre o espírito do assistente ou de qualquer pessoa viva à distância, de uma maneira inexplicável;
- 7) comunicações com qualquer reserva cósmica, ou lembrança de todos os fatos do Universo.

William James relacionou vários casos interessantes e comentou num deles: “parece inacreditável que Hodgson jamais repetiu observação semelhante à sra. Piper, no estado de vigília ou sob estado de transe, o que me pareceu uma boa prova de sua sobrevivência a ela”. Os casos relacionados geralmente giram em torno de citação de nomes de pessoas e fatos envolvendo presentes às reuniões, e ainda de palavras ou frases significativas para alguém.

Nas suas tentativas para o entendimento do fenômeno, anota James: “A regra de senso comum para as presunções em lógica científica é de jamais recorrer a um agente desconhecido...” Assim, passa a analisar possibilidades de fraude, de personificação e de telepatia, para concluir: “Nos casos que nos ocupamos no momento, a possibilidade excepcional é que os “espíritos” estão realmente forrados de dedos. Os resultados são inteiramente compatíveis com tal explicação... Os espíritos podem cooperar com todos os outros fatores”.

Nas conclusões do livro citado, William James concorda que nos onze casos que relatou há mais indício de comunicações verídicas do que coincidências do acaso e no conjunto formaram-lhe a impressão de serem supranormais. Logo em seguida faz o importante comentário de “estar com a dramática impres-

são de que há qualquer coisa de verdade, de real, de autêntico atrás de tudo isto”.

Em seguida retorna a comentários sobre o significado dos fenômenos: “a causa ativa das comunicações, segundo toda hipótese, uma vontade de certa espécie, que é a vontade do espírito Hodgson ou de algumas inteligências sobrenaturais inferiores, ou de algumas do subliminal da sra. Piper”. Entre outras, ainda afirma que “uma vontade de personificação” é um fator do fenômeno Piper, eu creio plenamente e creio, com inquebrantável firmeza, que esta vontade é capaz de “tirar” às das forças sobrenaturais de informação. Ela pode retirar qualquer coisa, pode ser lembrança de consulentes, pode ser de seres humanos à distância, pode ser de qualquer reserva cósmica, as quais são semelhantes às da Terra, sob a forma de “espíritos” ou outra forma. (...) Mas é possível complicar a hipótese. As “vontades do comunicante” exteriores podem contribuir ao resultado como de uma “vontade de personificação” e as duas sortes de vontade podem ser de entidades distintas e não obstante capazes de se ajudar mutuamente a se arrastar ao processo. A vontade do comunicante, no exemplo considerado, seria *a priori* a vontade do espírito sobrevivente de Hodgson”.

Mais à frente anota: “Os amigos de Hodgson que vêm às reuniões como consulentes são por natureza partes do universo material que possuem traços de seus atos passados. Eles funcionam como estações receptoras e Hodgson (em todo caso, a um momento de sua existência) inclinado a suspeitar o consulente de agir ou “psicometricamente”, ou por seus corpos que passam a desempenhar o papel deste que apela, com o jargão de médium, uma “influência”, atraindo os bons espíritos e obtendo boas comunicações do lado de lá”.

Analisando e concluindo em torno das manifestações do antigo pesquisador e seu amigo Richard Hodgson, James faz ressalvas à outra fase da mediunidade da sra. Piper: “Os pormenores desses casos não comportam mais veracidade do que no grupo dos fenômenos anteriores da sra. Piper, em particular aqueles da época do antigo “controle” Phinuit”.

Ao fazer suas impressões finais, James faz um retrospecto das experimentações psíquicas e sobre a fundação da Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Referindo-se ao prof. Henry Sidgwick, um dos fundadores da referida sociedade, opina que “como todo fundador, Sidgwick esperava obter rapidamente os resultados; e nos anos que precederam sua morte, depois de 20 anos, permanecia o mesmo estado de dúvida e de hesitação do começo”. Em seguida desabafa: “Minha própria experiência é toda análoga à de Sidgwick”.

Voltando a comentar sobre a mediunidade de Piper: “Rector, o controle da sra. Piper, é um personagem impressionantemente forte que possui um grau extraordinário de discernimento de necessidades íntimas dos assistentes e é capaz de dar conselhos elevados aos espíritos críticos e abertos”.

Tecendo considerações gerais sobre os estudos, é de opinião que “a ciência psíquica constitui, em verdade, um ramo especial de conhecimento dentro daquela pessoa que se torna gradualmente expert. Os fenômenos formam um conjunto tão considerável e tão variado de todas as coisas dentro da Natureza que seu estudo é igualmente fatigante, repelente e sem prestígio”.

Realizando uma comparação ampla, admite James: “De toda minha experiência (e ela é limitada) emerge uma só conclusão, sólida como um dogma, tal como outros; em nossas existências somos como ilhas no meio do mar ou como árvores dentro da floresta. O ácer¹⁸ e o pinheiro podem comunicar seus murmúrios com suas folhas, e Connecticut e Newport¹⁹ podem entender cada qual a sirene de alarme da outra. Mas as árvores podem imiscuir suas raízes dentro das trevas e as ilhas se unem pelo fundo do oceano. Da mesma forma, existe uma continuidade de consciência cósmica oposta àquela nossa individualidade erigida por barreiras acidentais onde nossos espíritos são cravados como que dentro de uma água-mãe ou de um reservatório. Nossa consciência “normal” está sujeita a se adaptar somente ao meio terrestre que nos cerca, mas em certos pontos a barreira é menos sólida e estranhas influências, vindas do lado de lá, se infiltram e nos mostram certa dependência comum, senão inverificável. Não há somente a ciência psíquica, mas também a filosofia metapsí-

quica e a biologia teórica, que, dentro de seus próprios domínios, são levados a tomar em consideração uma vista “pan-psíquica” do Universo.

A obra *Experiências de um Psiquista* nos revela o zelo do autor em analisar os fenômenos, o que é cabível a uma personalidade da estatura intelectual de William James. Em cerca de 25 anos de estudos ele suplantou o ceticismo inicial e chegou a fazer afirmações categóricas favoráveis à transmissão do pensamento, à clarividência e a algumas manifestações mediúnicas. Assim, com independência de espírito e utilizando-se de métodos que foram os primeiros a serem empregados nos estudos dos fenômenos paranormais, William James se convence da realidade do espírito. Sem dúvida, a médium Leonore Piper foi o grande instrumento para que ele chegasse à importante conclusão.

XIX

Tipos de manifestações

A médium de Boston era portadora de um potencial mediúnico exuberante. Os diversos dons mediúnicos de que foi portadora, em parte, já transpareceram no transcorrer deste trabalho, mas embora a literatura espírita, principalmente a brasileira, não tenha muitas referências a ela, colecionamos mais algumas ilustrações de suas manifestações.

Clarividência

A clarividência é a faculdade em que o médium, em transe ou em vigília, percebe imagens ou fatos que estão acontecendo a distância, independentemente de barreiras físicas. Etmologicamente significa a faculdade de se ver com clareza.

Ao se referir à clarividência da sra. Piper, o prof. Charles Richet comentou: “Se para afirmar esse poder misterioso da nossa inteligência não tivéssemos senão as experiências realizadas com essa médium, seria isso largamente suficiente. A prova está dada, e de maneira definitiva”. (32)

Há vários fatos que sugerem a clarividência, dentro das atividades medianímicas de Leonore Piper, a começar da vez que a sogra de James foi vê-la, por curiosidade, e voltou assombrada dos resultados, principalmente com relação a nomes e prenomes de membros de sua família. (37)

Ainda envolvendo o prof. William James, está registrado que certa feita ele havia procurado em vão um livro desaparecido. A sra. Piper descreveu-o tão bem, localizando o lugar em que ele se achava, que James o encontrou. Este relatou que isso se repetiu diversas vezes, com ele próprio, até com relação a coisas que ignorava. Assim, o prof. James concluiu que a sra. Piper, no estado de transe, tem conhecimento de fatos dos quais de forma alguma poderia dar-se conta ou ter ouvido quando acordada. (37)

Esse conhecimento de fatos e coisas, por vias paranormais, independentemente dos órgãos dos sentidos, foi denominada

criptestesia por Charles Richet. Este pesquisador recorre às manifestações da sra. Piper para a exemplificação desta faculdade.

Assim, Richet anota que “mesmo que não houvesse no mundo nenhum médium, a não ser a sra. Piper, isso seria suficiente para que a criptestesia fosse cientificamente provada”. (32)

Psicometria

O prof. Charles Richet exemplifica um caso de psicometria com fato ligado à sra. Piper. Inúmeras vezes, tocando em mechas de cabelos ou objetos que haviam pertencido a outras pessoas, a sra. Piper mencionava detalhes preciosos sobre a referida pessoa. (32)

Dessa forma, psicometria vem a ser uma manifestação semelhante à clarividência, mas o médium tem que tocar no objeto para dar informações que podem envolver o passado e o presente da pessoa relacionada com o objeto.

Numa das primeiras reuniões da sra. Gibbins, sogra de William James, com a sra. Piper, ela levou uma carta da cunhada, escrita em italiano, cujo autor não era conhecido senão por apenas duas pessoas nos Estados Unidos. Leonore Piper colocou a carta sobre a testa e descreveu rigorosamente as condições em que vivia a pessoa que a escreveu. (28 e 37)

Vários autores comentam que a sra. Piper prestava informações sobre coisas e fatos fora do alcance normal dos sentidos; diagnosticava doenças de maneira incompreensível; descrevia pessoas servindo-se apenas de objetos que, no presente ou no passado, lhes haviam pertencido.

Psicofonia

Geralmente as manifestações verbais designadas por incorporação, ou, melhor ainda, por psicofonia, naquela época eram, muitas vezes, chamadas genericamente de transe. Assim, este termo aparece em muitos textos. Para designar o espírito que supervisiona as atividades, por alguns chamado de “guia” ou

“mentor”, nos textos ingleses geralmente aparece o termo “controle”.

Os vários registros dos pesquisadores deixam claro que Leonore Piper era médium psicofônica inconsciente, o que é raro.

A psicofonia foi a maneira de comunicação de Phinuit, entre os anos 1884 e 1897. Depois, durante o período das manifestações de Pelham, Hodgson e o grupo Imperator, variava entre psicofonia e psicografia.

O prof. James (15) e o dr Hodgson (28) sentiram claramente as diferenças nas manifestações de Phinuit e as de George Pelham e do grupo Imperator. O fato de as primeiras serem agitadas e conturbadas e as dos dois últimos serem tranqüilas, a ponto de Andrew Lang (21) opinar que as manifestações de Phinuit causam má impressão em pessoas inteligentes, nos servem de indicativo que, provavelmente, Phinuit não era um espírito equilibrado, como vários autores sentiram e escreveram. Por outro lado, deve ter havido um amadurecimento da mediunidade de Leonore Piper e uma melhor orientação, o que redundou nas melhores fases, com manifestações de Pelham, Hodgson e o grupo Imperator.

Porém, foi o espírito Phinuit quem deixou uma observação interessante: “Quando a sra. Piper está em transe, eu me pressiono. O médium é para vós como que um farol, enquanto que para vós, não médiuns, sois para nós escuros, como que não existentes; mas, cada vez que vos vemos, é como que em meios ou apartamentos escuros, clareados por uma espécie de janelinhas, que são os médiuns”. (24)

O pai do prof. James Hyslop, durante uma das comunicações com o filho, faz esclarecimentos curiosos: “Para entrarmos em comunicação convosco devemos penetrar na vossa esfera, adormecer como vós; eis porque cometemos erros, somos incoerentes. Sou inteligente como antes, mas as dificuldades para falar convosco são bastante grandes. (...) Amigos, não considereis isto com os olhos de crítico: o espírito que se comunica convosco, valendo-se do médium, é igual a um que se enfia dentro do tronco de uma árvore oca”. (24)

O espírito George Pelham faz outra comparação: “No transe o corpo etéreo do médium sai do corpo físico, como no sonho, e deixa vazio seu cérebro, e então nós nos apossamos dele. Vossa conversação nos chega como que por telefone de estação distante. Falta-nos a força, especialmente ao finalizar a sessão, na pesada atmosfera do mundo”. (24)

Esta última assertiva espiritual nos enseja muitas considerações. Porém, hoje em dia, todos esses detalhes estão magistralmente comentados na chamada série André Luiz, da lavra psicográfica de Francisco Cândido Xavier.²⁰ Aliás, este último sempre se refere a imagem semelhante quando o procuram, insistindo em manifestações; diz ele: “O telefone só toca de lá para cá...”

A pesquisadora Eleanora Sidgwick (35) e outros empregaram o termo “possessão” e, inclusive, discutiram muito entre as hipóteses “possessão” e “telepatia” para justificar as comunicações entre mortos e vivos. A rigor, a palavra “possessão” é inadequada, e mesmo na psicofonia inconsciente, a expressão de Pelham “o corpo etéreo do médium sai do corpo físico” não é uma emancipação total. Se isso ocorresse assim tão drasticamente e o espírito do comunicante “se apossasse” do corpo do médium, até que daria idéia de “possessão”. Talvez esta seja a sensação de espíritos menos esclarecidos sobre o mundo espiritual, ou pelo menos reflita a sua dificuldade em se expressar sobre tal.

Na psicofonia consciente o espírito comunicante entra em contato com as irradiações perispirituais do médium e há um processo de transmissão e de captação de pensamentos que nada mais é do que uma telepatia entre o espírito e o médium. Já na psicofonia inconsciente, que é muito rara, mas parece ter sido a forma desenvolvida pela sra. Piper, ocorre a exteriorização perispiritual do médium, mas mesmo assim o espírito do médium continua responsável pelo desempenho mediúnico. Essa exteriorização é que deve ter dado a idéia registrada por Pelham.

Na verdade a sra. Sidgwick, apesar do seu ceticismo, levantou uma hipótese próxima da realidade, de que “as personalidades de transe” da sra. Piper atuariam telepaticamente. Os enganos da pesquisadora foram a insistência em não reconhecer os

espíritos como “as personalidades de transe”, em se fixar muito na possibilidade de telepatia entre eles e os consulentes. Se tivesse contado com a possibilidade dos espíritos de comunicarem telepaticamente com a médium e com os consulentes, ficaria mais claro o caminho para o entendimento do transe mediúnico.

Léon Denis, em sua magistral obra *No Invisível*, considera que entre os fenômenos de transe, figuram em primeiro plano as manifestações devidas à mediunidade da sra. Piper. E diz mais: “O estudo de suas faculdades constituíram o objetivo de numerosas sessões cujos resultados foram consignados nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*. Formam 650 páginas, constituindo o tomo XVI, que teve um resumo publicado em francês: M. Sage (33) ...” (7)

Psicografia

Nos livros estrangeiros aparece, costumeiramente, o termo “escrita automática”. Psicografia é um fenômeno bem divulgado em nosso país. É a manifestação escrita, utilizando-se o braço do médium.

Leonore Piper desenvolveu-se na psicografia principalmente no período de 1892 a 1896, sob a supervisão do espírito George Pelham. Todavia lembramos que sua manifestação mediúnica inicial na reunião do médium Cocke, em 1884, foi uma psicografia dirigida ao Juiz Frost.

A psicografia da sra. Piper teve características importantes, pelo fato de ela escrever simultaneamente com as suas mãos, sob a atuação de dois espíritos distintos e, ainda, conforme já registramos anteriormente, ter sido intermediária para as famosas “correspondências cruzadas”, a partir de 1906.

Com referência à caligrafia, sabe-se que é rara a reprodução da letra do comunicante, tal como escrevia quando encarnado. O espírito Pelham não reproduzia sua própria caligrafia (24), mas o espírito Hodgson, em sua primeira manifestação, teve sua letra identificada e o fenômeno se repetiu em várias sessões. (9)

Não apenas a caligrafia, em alguns casos, mas principalmente o conteúdo das mensagens e até pequenos detalhes, serviram de

subsídios para a comprovação do fenômeno em si e também da identidade dos comunicantes. Inclusive, destacamos que Myers (25) considerou esse período das atividades mediúnicas da sra. Piper como o mais importante. Após a morte dele ela deu início às “correspondências cruzadas” e recebeu pela escrita mensagens de impacto, como a do “Faunus”.

Embora tanto a psicofonia como a psicografia e outros dons da sra. Piper tenham sido utilizados como provas da sobrevivência do espírito, a partir de pequenos detalhes das manifestações, ou ainda, em manifestações tipo impacto, Alta Piper colecionou alguns aforismos obtidos principalmente na segunda fase da mediunidade de Leonore Piper, dos quais transcrevemos alguns a título de ilustração.

Línguas estrangeiras

As manifestações em línguas estrangeiras – xenoglossia –, que é a faculdade dos médiuns falarem ou escreverem em línguas vivas ou mortas, também ocorreram com a sra. Piper.

Além do exemplo já relatado em outro tipo de manifestação, em que ela traduziu uma carta escrita em italiano, há outros casos onde se caracteriza melhor a xenoglossia.

Certa feita apresentaram à médium as primeiras linhas do “Pater”, escrito em grego, e depois de algumas hesitações o espírito Phinuit o traduziu, mas no segundo versículo acertou apenas as primeiras palavras, mesmo ajudado pelo espírito Moses.²¹ A sra. Piper não sabia nenhuma palavra de grego, e se o traduzisse do pensamento dos presentes, tê-lo-ia traduzido no todo e não em parte. (24)

É ainda Lombroso que comenta a manifestação de uma ha-vaiana por intermédio da sra. Piper, tendo falado algumas palavras do seu idioma, o qual era desconhecido dos participantes da reunião. (24)

Precognição

Algumas predições foram marcantes dentro das atividades mediúnicas de Leonore Piper.

Em “relato de casos” incluímos a predição que Phinuit fez à srta. Pitman.

Logo mais comentaremos a mensagem “Faunus”, que envolve a predição da morte do filho de Sir Oliver Lodge.

XX

Identidade dos Espíritos

Utilizando-se de vários dons mediúnicos, a sra. Piper foi intermediária para a identificação de inúmeras personalidades comunicantes.

Léon Denis colecionou várias ilustrações sobre este tema em seu livro *No Invisível*.

Anteriormente já historiamos a primeira manifestação de George Pelham. Nesse episódio ocorreram vários fatos identificatórios. Entre eles há o detalhe que o espírito Pelham se dirigiu a um dos presentes, chamado Alhover, perguntando-lhe se ainda se ocupava em escrever acerca da sobrevivência, acrescentando: “Resolverei o problema da Catarina”. Essa frase não poderia ser entendida por quem não soubesse (e Alhover ignorava) que, anos antes, havia com ela discutido a respeito da eternidade e do espaço, e lhe dissera: “Resolverei estes problemas”. (24)

Uma prova de identificação espiritual ocorreu durante comunicação do sr. Robert Hyslop, pai do prof. Hyslop. O comunicante, falecido em 1896, havia levado uma vida presa a uma granja, doente, e mantinha hábitos rígidos; era muito religioso, possuía limitações intelectuais e usava uma linguagem de provérbios. Estes reapareceram nas comunicações como: “Não fiques de mau humor, não se ganha nada com isso. Ainda que não tenhas o que desejas, aprende a contentar-te com o menos e não fiques mal humorado”. Além dos conselhos, a certa altura indagou: “Como está Ion?” Tratava-se de um cavalo, morto alguns anos antes, do qual o prof. Hyslop, que era filho do primeiro casamento, também desconhecia o fato, obtendo a confirmação com a madrasta. (24)

Foi o prof. Hyslop quem realizou uma experimentação interessante com o objetivo de estabelecer uma comparação e também crítica da identificação dos espíritos. Estabeleceu uma linha telegráfica entre dois edifícios da Universidade de Colúmbia, distantes 500 pés²² entre si, e colocou telegrafistas profissionais

nas extremidades. Introduziu interlocutores desconhecidos para que se comunicassem por intermédio dos telegrafistas e estabelecessem suas identidades. O resultado não foi alcançado na maioria das vezes. O prof. Hyslop comentou que estas condições se aproximam daquelas da mediunidade, valendo aí a distância pela diferença de plano. Assim, o prof. Hyslop concluiu o quanto é difícil determinar a identificação e fez a analogia que os processos empregados pelos comunicantes eram os mesmos que os adotados pelos espíritos no caso da sra. Piper. (7)

O reverendo Minot-Savage, célebre orador americano, relatou um comovente caso de identificação do espírito de seu próprio filho. Em reunião com a sra. Piper, o filho se manifestou: “Papai, desejaria que, sem demora, fosse ao seu aposento, que eu ocupava. Abre minha gaveta e, entre os numerosos papéis que lá estão, encontrarás um que te peço destruas imediatamente”. A sra. Piper não conhecia os consulentes. O reverendo procurou e achou documentos importantes, os quais não poderiam ser do conhecimento público e que justificavam a ansiedade do comunicante. (7)

Já comentamos, em outros tópicos, os episódios da identificação das comunicações de Pelham e Hodgson. Depois, estes mantiveram características definidas em suas manifestações. Os demais espíritos que se comunicavam pela sra. Piper também eram bem diferentes; é o caso de Phinuit, geralmente trivial e vaidoso; Imperator, sempre bíblico e orgulhoso (24). Léon Denis (7) recorre à mediunidade de Leonore Piper para analisar a identidade dos espíritos e em seguida citá-los: “Neles, os sinais característicos, as provas da identidade são abundantes; nenhuma dúvida poderia existir”.

Há inúmeros outros casos esparsos. Durante a visita à Inglaterra, em reunião com o prof. Lodge, o espírito Phinuit mencionou três gerações de membros vivos e mortos da família de Isaac Thompson, que era vizinho de Lodge. (25)

Bozzano (2) lembra que as tentativas para que a sra. Piper captasse telepaticamente o pensamento consciente ou subconsciente de assistentes ou ausentes colocaram por terra as hipóteses de que ela própria teria essa capacidade. Assim, os casos de

identificação de mortos que se produziram por intermédio dessa médium devem ser considerados autenticamente espíritas.

Para Fredrich Myers (25), do ponto de vista da identidade pessoal, a série de sessões entre 1892-1896 é a mais importante e o principal intermediário foi George Pelham.

XXI

Informações espirituais

Na série de manifestações da sra. Piper surgem também algumas explicações sobre a vida espiritual e suas relações conosco.

No item sobre psicofonia incluímos trechos de Robert Hyslop falando sobre o transe e, ainda, George Pelham fazendo comparações mais detalhadas sobre o mesmo assunto.

É de trecho de comunicação de Robert Hyslop que transcrevemos: “Todas as coisas se me apresentam tão nitidamente e quando aqui venho para exprimi-las, não o posso” (7). O espírito se refere às dificuldades para a comunicação. Trata-se de um processo em que deve haver uma afinidade vibratória, simultaneamente, às condições adequadas para a reunião, além do preparo do próprio médium, para que a comunicação seja favorecida. Obviamente que a situação espiritual do comunicante é outro fator ponderável.

A respeito da situação do espírito, o dr. Hodgson observou que as comunicações de espíritos loucos são fragmentárias e até amalucadas, além da incoerência. Certa feita o espírito Ana Wild interrompeu sua conversação com a irmã, por intermédio da sra. Piper, porque era a hora da missa. Havia sido muito religiosa e nos dias festivos jamais faltava à missa. (24)

Algum tempo após a morte das crianças atuam e falam como adultos. Servindo de intermediário a um desses espíritos, com quem a mãe insistia em tratá-lo como criança, Pelham informou: “Ele já não é mais um menino, é um homem” (24). É inquestionável que não há idade para o espírito. Às vezes, para fins de identificação, ele se apresenta na condição etária em que foi conhecido ou portando outros detalhes.

Procurando extrair subsídios, Bozzano (3) se utiliza de afirmações de comunicantes da sra. Piper. Desta maneira, para explicar fenômenos de desdobramento fluídico no leito de morte, ele cita: “A esse respeito convém recordar a famosa resposta

dada pela personalidade mediúnica de George Pelham ao dr. Hodgson, por intermédio da sra. Piper: “Eu não acreditava na sobrevivência, o que ultrapassava o meu entendimento. Hoje me pergunto como pude duvidar... Nós temos um *fac-símile* de nosso corpo físico, que persiste após a dissolução deste último”. Pelham estava se referindo ao perispírito, elemento que faz a intermediação entre espírito e corpo e preexiste e sobrevive ao organismo material.

Allan Kardec já enumerava as diversas propriedades do perispírito, básicas para o entendimento da reencarnação, atuação dos espíritos e mediunidade. Embora já fossem idéias bem trabalhadas em *O Livro dos Médiuns*, as informações que surgiram pela sra. Piper, independente e praticamente vivendo uma outra realidade, corroboram os dados contidos na obra citada.

XXII

Suspensão temporária da mediunidade

Após retornar da Inglaterra em 1907 a sra. Piper não deu prosseguimento às atividades que vinha executando. Grandes dificuldades se seguiram porque não havia uma pessoa treinada ou bem dotada financeira ou academicamente para usar seu tempo nesse trabalho de direção das reuniões.

Por outro lado as pesquisas e o desenvolvimento da mediunidade, ainda que em pequeno grau, afetaram a vida pessoal dela.

Contrariando a sugestão do prof. William James e longe de um trabalho sistemático, ela se dedicou a consultas privadas, das quais quase não há registros. Ainda por falta de uma supervisão dos trabalhos entre 1908 e 1909, surgiram abalos na mediunidade.

Imediatamente a esse período, em outubro de 1909, a sra. Piper fez sua terceira viagem à Inglaterra, sob os auspícios da Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Todavia, não era um momento auspicioso para a viagem. No transcorrer da ida contraiu uma gripe fortíssima, da qual não se recuperou totalmente durante muitos meses. Estas circunstâncias aumentaram ainda mais sua sensação de fadiga e não a ajudaram a produzir uma condição de saúde e de bem estar que favoreceria o sucesso das manifestações mediúnicas. Apenas no final da primavera ou começo do verão de 1910 é que ela conseguiu realizar suas primeiras reuniões na Inglaterra. Estas ocorreram sob a supervisão do prof. Lodge.

Durante essa estadia as reuniões foram reduzidas e curtas, pois ela apresentava dificuldades no atendimento das pessoas, a ponto de provocar sensação de ansiedade em muitos consulentes. O grupo de espíritos Imperator, Rector e Doctor também se ressentiu dessas condições e numa reunião ocorrida a 24 de maio de 1911 eles avisaram a suspensão da mediunidade para breve.

Voltando às reuniões inglesas. No dia 3 de junho de 1910, atendendo à solicitação da sra. Lodge, ela realizou uma reunião

em “Mariemont”. Esta foi aberta por uma outra entidade espiritual – “sra. Guyon” – e encerrada por Imperator. Foi a última reunião naquele país e o último transe psicofônico da sra. Piper por um longo período. Apesar disso as psicografias continuaram intermitentes até o ano de 1915. Nesse ano reapareceram as manifestações psicofônicas.

Durante 20 anos de sua ligação com a Sociedade para Pesquisas Psíquicas, exceção feita ao curto período imediato à morte do dr. Hodgson, e até seu retorno da Inglaterra em 1907 (segunda visita), as manifestações da sra. Piper foram sempre supervisionadas por homens como William James, Fredrich Myers, Richard Hodgson e Oliver Lodge, homens que tinham habilidade, visão e carinho para com a pesquisa psíquica. Os rigores deles, até nos testes de sensibilidade, não causaram seqüelas na sra. Piper. Entretanto, o mesmo não pode ser dito de certos pesquisadores que durante 1909 realizaram testes para avaliar o grau de anestesia durante o transe. Causaram-lhe dor e inchaço na língua durante vários dias; algumas demarcações com escarificação em forma de círculo na palma da mão direita da sra. Piper provocaram paralisia parcial do braço direito durante algum tempo.

Assim, todas essas circunstâncias justificam as dificuldades de atendimento da sra. Piper em sua terceira visita à Inglaterra e o recado de suspensão das atividades dado por Imperator para “reparar a máquina”. (28)

Essa temporária e parcial cessação do fenômeno levou muitos a dizerem que a sra. Piper havia perdido a mediunidade. Inclusive Flournoy,²³ na sua obra *Espiritismo e Psicologia*, chegou a escrever que “a mediunidade gradualmente desaparece ao longo dos anos ou, até rapidamente, em decorrência de duros métodos de experimentação, como no caso da sra. Piper”. (28)

Na realidade, Leonore Piper jamais perdeu por completo sua mediunidade.

Ao retornar da Inglaterra, em 1911, a sra. Piper freqüentemente recebia mensagens escritas, as quais eram dirigidas a Oliver Lodge e outros amigos. Estes consideravam tais mensagens claras, pertinentes e, em algumas situações, até volumosas.

Nesse período Leonore Piper conseguiu levar uma vida normal, conversando com amigos sem ser vigiada ou suas palavras medidas por investigadores. Já estava com 52 anos de idade e suas duas filhas até puderam contar com a companhia da mãe, a quem elas deliciavam com números musicais.

Fazendo um parêntesis: Em *No Invisível*, obra que Léon Denis publicou em 1903 e cuja versão em português está baseada na edição de 1911, encontra-se: “A sra. Piper, enfraquecida e adoentada pelo contato de espíritos inferiores, deveu seu restabelecimento e a boa direção de seus trabalhos à enérgica e vigorosa intervenção dos espíritos Imperator, Doctor e Rector. Graças a eles, de confusas que eram, as experiências dentro em pouco se tornaram claras e convincentes” (7). Esta citação, incluída no item “Prática e perigos da mediunidade”, da obra em referência, a nosso ver não tem nada a haver com as dificuldades e a suspensão em tela. Julgamos que Denis esteja se referindo à fase de enfermidade, quando ela se submeteu a duas cirurgias entre 1893 e 1896. Já citamos que nesse período os fenômenos declinaram um pouco. Além desse fato, ele também deve estar se referindo a Phinuit, sobre quem já comentamos anteriormente, cuja última manifestação ocorreu em 1897, sendo substituído pelo grupo Imperator.

As diferenças entre os espíritos comunicantes já foram discutidas. Provavelmente, Phinuit não era um espírito equilibrado e vários observadores da sra. Piper preferiram os outros períodos de sua mediunidade.

Voltando à suspensão ocorrida em 1911, lembramos que não é o primeiro caso na história dos médiuns. Porém, não há dúvida que Leonore Piper sofreu revezes seguidos a partir das mortes do marido e do dr. Hodgson, que supervisionava suas atividades mediúnicas, somando-se ainda as viagens longas sempre durante o inverno, os rigores das experimentações e, finalmente, a falta de um dirigente e orientador, que acabou predispondo-a a atendimentos particulares e, sem dúvida, desgastantes. Além de tudo isso, àquela altura a sra. Piper não era uma jovem.

A nosso ver, Leonore Piper até que resistiu muito, pois estava desguarnecida daquelas condições que hoje consideramos ideais,

mas já eram defendidas por Allan Kardec, Léon Denis e, atualmente, por vários espíritos orientadores que escrevem por intermédio de médiuns brasileiros.

Como já anotamos, as manifestações escritas persistiam, ainda que intermitentes. No verão de 1915 Alta submeteu à consulta psicográfica o pedido da srta. Robbins para realizar uma reunião com a sra. Piper. Ela foi uma das primeiras consulentes da médium e agora se propunha vir da Califórnia para o encontro. O espírito Rector aquiesceu e o encontro foi importante por duas razões: primeiro porque marcou o retorno da mediunidade psicofônica, que estava suspensa há 4 anos, e depois porque a esse tempo ocorreu a mensagem “Faunus”, avisando da morte próxima do filho de Sir Oliver Lodge.

XXIII

A mensagem Faunus

No final das reuniões com a srta. Robbins, abruptamente o espírito Hodgson alertou, por escrito: “Agora Lodge, que não estamos aí como no passado, isto é, não completamente, estamos aqui capazes de dar e receber mensagens. Myers diz a você para tomar a parte do poeta, e ele agirá como Faunus. Ele (Myers) protegerá U.D.²⁴ É o que tem a dizer a você, Lodge. Bom trabalho. Solicite a Verral, ela também estará U.D. Arthur também diz”.

Por um momento a srta. Robbins confundiu o nome “Arthur”, aludindo a Tennyson, mas o espírito insistiu: “Não. Myers sabe... você se enganou, mas Myers está correto sobre o poeta e Faunus”.

A mensagem foi enviada a Sir Oliver Lodge e este tomou as providências para interpretá-la. Escreveu à sra. Verral, indagando-lhe: “O poeta e Faunus significa alguma coisa a você? Um “protege o outro”? Com relação ao nome “Arthur”, Oliver Lodge entendeu claramente que se referia a Arthur Verral, esposo da sra. Verral.

A resposta da sra. Verral chegou a 8 de setembro de 1915: “A referência é a Horácio, sobre a queda de uma árvore que por um triz não o matou, o que ele atribui à intervenção de Faunus. Faunus, o guardião dos poetas (poeta seria a interpretação usual de homem de Mercúrio). – ... A passagem não tem especial associação para mim...”. (28)

Todavia, Oliver Lodge deduziu, interpretando a mensagem de Myers, que algum golpe poderia sobrevir e que Myers poderia ajudá-lo. (23)

Oliver Lodge entendeu que “árvore que cai” é um símbolo de morte usado com frequência. Procurou outros eruditos e estes foram unânimes em confirmar a citação a Horácio. (23)

Em seguida, Oliver Lodge teve novidades. No dia 17 de setembro de 1915 recebeu telegrama do Ministério da Guerra

informando que seu filho Raymond havia falecido em Ypres (França), durante batalhas da 1ª Grande Guerra, no dia 14 de setembro.

Após a morte do filho Lodge procurou o Rev. M. A. Bayfield para a interpretação da mensagem, em face da morte do filho. Eis a resposta: “Em nenhuma passagem dos seus poemas Horácio diz claramente que a árvore o apanhou, mas a dedução é que o fez. Diz ele que Faunus “aliviou”, não que “desviou” o golpe. No vosso caso, a significação me parece ser de que o golpe sobreviria, mas não esmagaria; que seria “atenuado” pela asseguuração dada por Myers de que o vosso filho ainda vive. (...) Os versos implicam que ele foi ferido pelo golpe, e na cabeça. Realmente, o perigo foi grande; e sou levado a crer que Horácio não se teria impressionado tanto se não fosse realmente alcançado pela árvore. Há em suas odes quatro referências ao caso, todas fortalecendo a minha interpretação – e também a da mensagem de Myers, que devia estar bem consciente dos termos da citação dos versos de Horácio – e não teria dúvida de que o poeta não escapara ao golpe, o qual fora rude”. (23)

A mensagem do “Faunus” foi recebida pela sra. Piper a 8 de agosto de 1915, nos Estados Unidos; Oliver Lodge a recebeu em 6 de setembro, durante uma estadia na Escócia; a sra. Verral a interpretou em 8 de setembro e Raymond faleceu no dia 15.

Oliver Lodge se recordou de outra mensagem que ele recebeu da sra. Piper, escrita no dia 5 de agosto de 1915, mas que chegou junto com a outra: “Sim. No momento, Lodge, tende fé e sabedoria (confiança?) em tudo que é maior e melhor. Não haveis sido tão profundamente guiado e cuidado? Podeis responder que não? Graças à vossa fé é que tudo foi e irá bem”. (23)

Em seguida ao falecimento de Raymond, Oliver Lodge recorreu à médium sra. Leonard, em Londres. Obteve comunicações de Myers e do próprio filho. Na realidade, Myers estava atenuando o golpe. O conjunto de todas as informações relativas às manifestações do filho, bem como dos episódios preliminares à sua morte, foram arrolados por Sir Oliver Lodge na obra *Raymond – Uma Prova da Sobrevivência da Alma*, que se tornou um verdadeiro sucesso de vendagem na Inglaterra.

Com a mensagem Faunus, cifrada, baseada em texto antigo, mas compatível com a cultura de Myers, Oliver Lodge recebeu o aviso do golpe. A sua inquebrantável certeza na imortalidade da alma e ainda as comprovações obtidas nas reuniões de Londres, se incumbiram da atenuação do golpe, também preditas nas mensagens: “Graças à vossa fé é que tudo foi e irá bem”...

XXIV

Últimas reuniões

Conan Doyle (8) encontrou a sra. Piper em New York, em 1922, quando ela parecia ter perdido seus dons. Porém ela mantinha o interesse pelo assunto.

Durante os anos de 1914 a 1924 os dons da sra. Piper oscilaram; eram empregados em reuniões ocasionais e em intervalos irregulares. Um outro fator que contribuiu para isso foi o estado de saúde de sua mãe, que piorava gradualmente até a morte, em 1925. Leonore Piper era devotada aos cuidados da mãe e, por outro lado, continuava em dificuldade para conseguir uma pessoa adequada para a supervisão dos trabalhos mediúnicos.

No outono de 1924 o dr. Gardner Murphy,²⁵ jovem e entusiasta psicólogo, ligado ao Departamento de Psicologia das Universidades de Harvard e de Columbia, obteve permissão para dirigir uma série de reuniões, as quais se estenderam até 1925. Foi uma série produtiva de reuniões e ensejaram permissão da sociedade para Pesquisas Psíquicas para a sra. Piper trabalhar com recém-formados da Boston Society, no período de 1926-1927 (vide o capítulo XXXI – A Sociedade Americana para Pesquisas Psíquicas).

Nesse ínterim, a cortesia e o interesse de Margaret Deland forneceram dois importantes incidentes. Um deles porque a srta. Deland relatou em Simpósio da Universidade de Clark, em Worcester, em novembro-dezembro de 1926, a chamada “prova galeão”. Em seu trabalho usou engenhoso argumento para dar explicações científicas a fatos com nomes mais simples, como “clarividência”, “intuição”, “coincidência”, “telepatia”, etc. (28)

Previamente a tais estudos, o dr. Murphy escreveu em 5 de maio de 1925 à sra. Piper:

“Nas recentes reuniões realizei mais do que o extraordinário sacrifício no qual, nós e suas filhas, constantemente fizemos para a causa da pesquisa psíquica e para o benefício das reuniões, desejo dizer-lhe outra vez que o profundo pri-

vilégio que tive de me associar com seu trabalho e ter a oportunidade de ver diretamente os dons que tinha anteriormente conhecido através de leituras de trabalhos publicados”. (28)

Depois de algum tempo, em publicações sobre o problema da sobrevivência realizadas em 1945, o dr. Gardner Murphy exemplifica com casos de alguns médiuns. A sra. Piper é lembrada em algumas situações: comunicações de fatos não sabidos do médium, mas sabidos do consulente; comunicações de fatos não sabidos do consulente; comunicações de um grupo de fatos aos quais uma pessoa viva simples não tem acesso, e referências cruzadas. Dá destaque à “correspondência cruzada”, que ele considerou mais complexa do que as referências cruzadas, pois trechos de um poeta grego ou latino eram recebidos simultaneamente por mais de um médium psicógrafo; foram também consideradas altamente apropriadas como expressões da personalidade de Myers. Na “correspondência cruzada” não havia repetição de motivos, mas o desenvolvimento de complementação e associações, que levam a uma origem psicológica comum para vários médiuns psicógrafos. A distinção entre referência cruzada e “correspondência cruzada” é nem sempre clara. Na referência cruzada o mesmo espírito faz-se conhecer por vários médiuns usando a mesma frase ou símbolo, ou pela repetição da mesma mensagem. (26)

XXV

Final da existência

No final de seu livro Alta Piper destaca as qualidades dos pesquisadores e de uma genuína e bem sucedida médium. No caso da sra. Piper, a essa altura na faixa dos 70 anos, a filha informa que ela não fumava nem bebia de qualquer forma, não somente por princípios, mas porque ambos eram desagradáveis a ela; sempre levou uma vida moderada, raramente perdia a calma, o que era indicativo de mente equilibrada. A filha considerava-a uma mulher completa, com uma dignidade e charme difíceis de descrever, mas reconhecidos por todos que tiveram contato com ela.

Em agosto de 1950 Leonore Piper mereceu, ainda em vida, uma condensação em “Seleções do Reader’s Digest”. Sob o título *Uma mulher que “falou com os mortos”* (1), fez-se um excelente resumo sobre sua vida e obra, encerrando-se assim: “A sra. Piper é o único médium famoso que nunca foi acusado de mistificação. Hoje a sra. Piper vive com uma filha num tranqüilo bairro de Boston. Conta 91 anos de idade e goza perfeita saúde, embora esteja muito surda. A assombrosa mulher que podia ouvir pensamentos não expressos a milhares de quilômetros de distância, em línguas que nunca soubera, ouve agora muito pouco do mundo exterior. O seu endereço é mantido em segredo e o telefone não consta da lista. Poucas pessoas no prédio de apartamentos sabem que a velha senhora de cabelos brancos e olhos vivos, que uma vez ou outra saía para passear com sua governanta ou com a filha já encanecida, é a simples mãe de família cujo trabalho convenceu eminentes cientistas de dois países de que, realmente, existe vida depois da morte”.

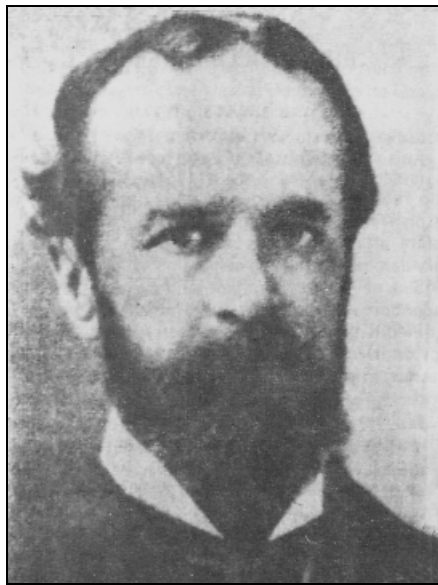
Ao mesmo tempo em que saía a publicação acima, nos Estados Unidos – somente publicada no Brasil um mês após seu falecimento –, Leonore Piper falecia em Boston aos 30 de julho de 1950.

XXVI

Prof. William James

Nasceu em New York a 11 de janeiro de 1842, sendo filho mais velho de Henry James e de Mary Robertson Walsh. Era originário de família rica e com atmosfera altamente intelectual. Um de seus irmãos, Henry James, tornou-se célebre romancista.

Seu pai foi teólogo, adotando o pensamento de Swedenborg. Recordamos que Emmanuel Swedenborg foi um dos precursores das idéias espíritas, médium e autor de livros; notabilizou-se no século XVIII e suas obras foram muito divulgadas na Europa e nos Estados Unidos.



Prof. William James

William James fez seus primeiros estudos em New York e num seminário presbiteriano em Princeton. Logo se desligou, insurgindo-se contra o “eclesiasticismo”. Na adolescência entusiasmou-se por artes plásticas. Em 1861 frequentou cursos propedêuticos (química, anatomia, fisiologia) da Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard, nos subúrbios de Boston. Entrou nesta Faculdade em 1864, mas interrompeu o curso em duas oportunidades, embora se sobressaísse como aluno inteligente e dedicado. Na primeira interrupção acompanhou o naturalista Louis Agassiz numa expedição ao Brasil, tendo se detido

mais na Amazônia. Acontece que contraiu varíola e ficou com uma dificuldade visual. Do Rio de Janeiro resolveu retornar a seu país. Retomou seus estudos médicos, interrompendo-os outra vez em 1867; dirigiu-se à Alemanha e a Cambridge, na Inglaterra, tendo a oportunidade de estudar com famosos mestres, como Virchow, Helmholtz e Bernard. Ao retornar aos Estados Unidos recebeu o grau de doutor em Medicina no ano de 1869. A esse tempo a Medicina já havia despertado seu interesse pela Psicologia e passou a ler muito sobre Psicologia e Filosofia. Desde sua formatura não exerceu sua profissão até o ano de 1872, por razões de saúde. Em 1872 foi nomeado instrutor da Cadeira de Fisiologia da Universidade de Harvard.

Casou-se com Alice H. Gibbins em 1878. No ano seguinte trocou a cadeira de Fisiologia por Psicologia e depois por Filosofia, sempre na Universidade de Harvard. James tornou-se um pioneiro no ensino e na pesquisa de Psicologia, transformando-a em ciência de laboratório, próxima à Fisiologia e outras ciências biológicas. Criou o primeiro laboratório de Psicologia, mas acabou não se dedicando à pesquisa psicológica. James preferiu a livre reflexão e a observação dos problemas que tornam o homem inquieto. Aliás, ele próprio era portador de crises de melancolia e de depressão, que desapareceram com o casamento.

O primeiro fato que fez William James acreditar em fenômenos medianímicos foi relatado por ele mesmo em trabalho publicado no vol. I dos *Proceedings of the American Society for Psychical Research* (11). Trata-se do caso de moça afogada cujo corpo foi visto em sonho pela sra. Titus, de Lebanon (New Hampshire), nas proximidades de uma ponte. Após a citada visão o corpo da jovem foi localizado. Todavia, seu principal envolvimento com as manifestações mediúnicas ocorreu a partir de 1885, com a sra. Piper. Praticamente ele foi o descobridor do potencial mediúnico dela e o responsável por introduzi-la no campo das ciências psíquicas.

Foi um dos fundadores da *American Society for Psychical Research* e presidente da *Society for Psychical Research*, de Londres, em 1894-1895, e vice-presidente em 1890 e 1910. Seu

prestígio científico e acadêmico foi de grande valia para a nascente ciência psíquica.

Em 1906 foi eleito presidente da *American Philosophical Association*.

Em 1898 lecionou na Universidade da Califórnia e em 1906 na Universidade de Stanford, no mesmo Estado. Durante sua estadia na Califórnia destacou-se como filósofo, formulando as bases do Pragmatismo. Em conferência proferida em Oxford (Inglaterra), em 1909, anunciou sua firme convicção de que “muitos dos fenômenos das pesquisas psíquicas estão baseados na realidade”.

William James foi considerado notável orador, tendo proferido conferências nos Estados Unidos e na Europa.

Deixou as seguintes obras:

The Principles of Psychology (Princípios de Psicologia, 1891);

The Will to Believe (A Vontade de Crer, 1897);

The Varieties of Religious Experience (Variedades da Experiência Religiosa, 1898);

Human Immortality (Imortalidade Humana, 1898);

Talks to Teachers on Psychology and to Students on Some of Life's Ideals (Palestras para Professores sobre Psicologia e para Estudantes sobre alguns dos Ideais da Vida, 1899);

Pragmatism: A New Name for Old Ways of Thinking (Pragmatismo, Novo Nome para Alguns Antigos Modos de Pensar, 1907); e

The Meaning of Truth (O Significado da Verdade, 1909).

Para James a Psicologia deve ser tratada como ciência natural e desenvolve uma Psicologia evolucionária; absorve as doutrinas da moderna filosofia, da Medicina e as implicações da Teoria da Evolução de Darwin. Sua obra sobre o assunto, *Psicologia* (2 volumes), é um clássico. Gardner Murphy (18) comenta que gerações de colegas estudaram pela citada obra. Há também o volume menor, preparado para salas de aula, *Psychology – Briefer Course*. Nos Estados Unidos os dois volumes são cha-

mados de “James”, enquanto o volume menor é chamado de “Jimmie” (diminutivo de James). No prefácio de *Psychology – Briefer Course* (18), James já adianta sobre um estado acima de nosso estado de consciência e sobre estudos *post-mortem*. No capítulo do “eu”, abre o item “mediunidade ou possessões” e depois de considerações gerais, escreve a respeito da sra. Piper, sem citá-la: “Estou, no entanto, persuadido por abundantes informações com os transe de um médium que o “controle” pode estar acima de tudo diferente de qualquer possível vigília da pessoa. No caso que tenho em mente, afirma ser um certo falecido médico francês; e eu estou convencido, baseado em fatos sobre as circunstâncias, e os parentes vivos e mortos e relacionados, de numerosos consulentes com os quais o médium nunca se encontrou antes, e dos quais nunca escutou os nomes”. Escreve ainda que não pretende converter ninguém ao seu ponto de vista, mas está convencido de que um estudo sério dos fenômenos de transe é uma das grandes necessidades da Psicologia.

William James considerava a Filosofia “ao mesmo tempo o mais sublime e o mais trivial dos propósitos humanos”. A respeito do pragmatismo, que desenvolveu: “O método pragmático é capaz de interpretar cada noção, traçando suas conseqüências práticas respectivas. (...) O pragmatismo pode ser um feliz harmonizador do caminho empírico do pensamento com a maior demanda religiosa do ser humano”. (17)

Valiosa contribuição para a reconciliação entre ciência e religião surgiu em *The Varieties of Religious Experience* (19). James herdou o interesse pela religião de seu pai, que era swedenborgiano. No capítulo “Realidade do Invisível”, James cita casos e relatos publicados para provar a realidade imediata da experiência de uma presença invisível, as quais parecem frequentemente assumir uma forma especialmente religiosa. Nesse livro define fé como o “senso de vida pela virtude da qual o homem não se destrói, mas vive. É a força pela qual vive. (...) Religião significa os sentimentos, os atos e experiências pessoais do homem em sua exclusividade, só então apreende-se estar em relação com o que pode se considerar divino. (...) O sentimento religioso é, então, uma absoluta adição aos objetivos de vida”. O

pensamento religioso de James exposto nas famosas “conferências de Gifford” na Universidade de Edimburgo, na virada do século, combina a abordagem positiva à religião com a não dogmática e aplica a abordagem empírica à vida religiosa e vários tipos de experiência religiosa.

As opiniões de William James a respeito das pesquisas psíquicas e da imortalidade e, especificamente sobre Leonore Piper, estão diluídas ao longo desse trabalho.

Faleceu aos 26 de agosto de 1910, em Chocorua (New Hampshire). Há referências sobre algumas manifestações espirituais dele, as quais foram discutidas pelo prof. Hyslop. (14)

XXVII

Dr. Richard Hodgson

Originário da Austrália, onde nasceu no ano de 1855, em Melbourne. Seu interesse pelas pesquisas psíquicas iniciou-se quando era jovem e ainda vivia na Austrália. Emigrou para a Inglaterra em 1878, onde continuou seus estudos sobre Direito, em Cambridge. Tomou parte ativa na *Ghost Society* para investigação dos fenômenos psíquicos. Foi membro da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres, desde sua fundação no ano de 1882; em 1885 entrou para seu Conselho. Seu treinamento profissional e inclinações fizeram-no especialista na detecção de fraudes.



Dr. Richard Hodgson

Como membro da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, viajou à Índia, em 1884, para investigar a sra. Blavatsky. Suas investigações iniciais levavam-no a resultados negativos. Inclusive, em 1895, não se convenceu das reuniões com Eusápia Paladino, em Cambridge.

Foi enviado aos Estados Unidos em 1887 para atuar como secretário do ramo americano da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, em Boston.

Por intermédio do prof. William James passou a investigar os dons da sra. Piper. Iniciou-se um longo período de pesquisas e também uma grande amizade com a família Piper e com William James. Os procedimentos cuidadosos e até policiais que tomou para averiguar o trabalho mediúnico dela tornaram-no muito conhecido. Em 1892 publicou seu primeiro trabalho sobre o fenômeno Piper nos *Proceedings* (vol. VIII), mas sem anunciar conclusão definitiva. Porém, em publicação de 1897 já concluía favoravelmente à mediunidade da sra. Piper.

Depois de permanecer 10 anos nos Estados Unidos, retornou à Inglaterra, onde viveu um ano. Na época tornou-se editor do *Journal* e dos *Proceedings* da Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Voltou aos Estados Unidos para continuar suas pesquisas com a sra. Piper e pretendia publicar um terceiro trabalho, mas não o conseguiu.

Sabe-se pouco sobre a vida do dr. Hodgson. Ao passo que seu trabalho foi apreciado e conhecido na época.

Era solteiro e residia sozinho em um quarto em Boston e dependia de um salário irrisório. Refutou muitas ofertas remuneradas de vários colegas e Universidades para poder ser livre e dedicar todo o seu tempo e energia ao que ele julgava ser de vital interesse e importância para a humanidade.

Membro do *Tavern Club* de Boston, rodeava-se de seletas amizades, finos literatos e intelectuais. Praticava vários esportes. Jovens e velhos o amavam e, particularmente, as crianças. Por ocasião do Natal ele imprimia seus próprios cartões com versos de conhecidos poetas. (28)

Depois de sua repentina morte, ocorrida em Boston aos 20 de dezembro de 1905, passou a se manifestar pela mediunidade da sra. Piper. Suas mensagens foram estudadas por William James e James Hyslop. Na Inglaterra suas mensagens foram analisadas pela sra. Sidgwick, sr. Piddington e Sir Oliver Lodge.

Depois de muitos anos de sua morte o dr. Walter Price disse à sra. Piper: “Se existiu algum herói, dr. Hodgson foi um”. (28)

Fodor (11) cita uma distinção “Hodgson Fellow” em Pesquisa Psíquica da Universidade de Harvard. Inclusive, o Dr. Murphy realizou tal curso na década de 20.

XXVIII

Prof. James Hervey Hyslop

Viveu nos Estados Unidos entre 1854 e 1920. Foi professor de Lógica e de Ética na Universidade de Columbia, em New York, de 1889 a 1902.



Prof. James H. Hyslop

Foi no ano de 1888 que veio a conhecer a sra. Piper, mascarado, conforme já anotamos nas páginas anteriores (capítulo VII). Com as mensagens de seu pai e parentes, acabou se convencendo da veracidade delas. Passou também a pesquisar a mediunidade dela; de 205 incidentes mencionados em 16 reuniões, conseguiu comprovar 152. Deixou claro que poderia atribuir a várias causas, inclusive a personalidades secundárias, porém preferia acreditar que havia conversado com o falecido pai, com parentes, o que é mais simples. (11)

Com a morte do dr. Hodgson, em 1905, assumiu em seguida o papel de pesquisador chefe da mediunidade da sra. Piper e no ano seguinte se dedicou à organização da Sociedade Americana para Pesquisas Psíquicas. Seu trabalho foi bem sucedido e a Sociedade tornou-se independente da Sociedade londrina; em 1907 deu início à publicação do *Journal* da referida Sociedade.

Hyslop foi um grande propagandista da sobrevivência da alma nos Estados Unidos (11). Deixou vários artigos e livros, contribuindo com engenhosas teorias para a literatura psíquica. Fez um estudo sobre múltiplas personalidades e obsessões e chegou à conclusão de que, em muitos casos, a obsessão espiritual é verdadeira. Chegou a fundar um Instituto para o tratamento de obsessão através de médiuns. (11)

Livros que publicou:

Science and a Future Life (A Ciência e a Vida Futura, 1906);

Borderland of Psychical Research (Fronteiras da Pesquisa Psíquica, 1906);

Enigmas of Psychical Research (Enigmas da Pesquisa Psíquica, 1906);

Psychical Research and the Resurrection (Pesquisa Psíquica e a Ressurreição, 1908);

Psychical Research and Survival (Pesquisa Psíquica e a Sobrevivência, 1913);

Life after Death (Vida após a Morte, 1918);

Contact with the Other World (Contato com o Outro Mundo, 1919).

XXIX

Sir Oliver Lodge

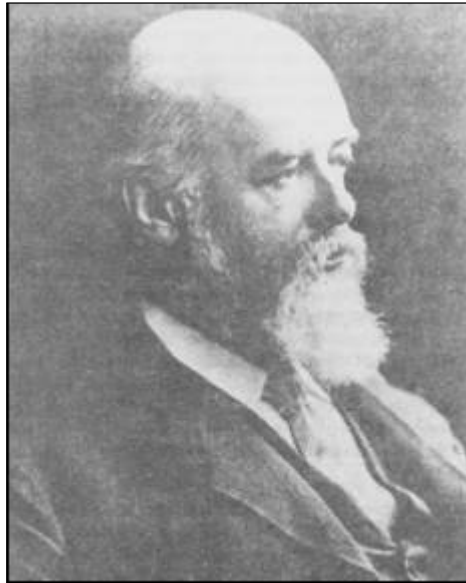
Oliver Joseph Lodge nasceu aos 12 de junho de 1851, no interior da Inglaterra. Seus primeiros anos de vida foram simples; seu pai possuía uma olaria em Penkhull. Embora tenha aprendido a ler precocemente, provavelmente aos 3 anos de idade, teve vários problemas na escola, chocando-se com os rudes métodos de ensino. Chegou a trabalhar com o pai na olaria quando estava com 16 anos.

Por estímulo de tia Anne, frequentou o Kings College, em Londres, onde teve seu primeiro contato com a Física e se fascinou por eletricidade. Em janeiro de 1874 começou a trabalhar na *University College*, de Londres, sob a orientação do prof. Carey Foster, e logo depois no *Bedford College*. Em 1875, juntamente com o prof. Foster, publicou seu primeiro trabalho importante.

Quando contava 26 anos casou-se com Mary Marshall – aos 22 de agosto de 1877. Em seguida residiram em Londres por mais quatro anos. Em 1879 publicou seu primeiro livro, *Elementary Mechanics, including Hydrostatics and Pneumatics*. Durante sua residência em Londres fez amizade com Edmund Gurney e conheceu sua enorme coleção sobre os fenômenos paranormais. Através de Gurney veio a ser apresentado a Fredrich Myers. (20)

Quando completou 30 anos foi contratado pela recém-criada Universidade de Liverpool, tendo sido o primeiro docente a ser nomeado, após o Reitor. Entusiasmado, resolveu visitar Faculdades européias e manteve contatos com professores célebres: Hertz, Helmholtz, Bunsen. Adquiriu muitos materiais e equipamentos na Alemanha. Viveu em Liverpool de 1881 a 1900, dedicando-se a pesquisas sobre correntes eletromagnéticas e éter. Suas pesquisas foram aplicadas às comunicações radiofônicas. Mantinha contato com outros físicos, sociedades científicas e proferia conferências em vários locais. Também publicava artigos científicos e colaborava com revistas científicas popula-

res. Foi consultor de várias companhias elétricas. Trabalhou em eletrólise, baterias, descarga de gás, radiofonia e raios X. Poucas semanas após Roentgen descobrir os raios X, Lodge dominou a técnica e um mês depois proferia palestra sobre os raios X na sociedade de Física de Liverpool, perante salão superlotado e com filas nas ruas. Em seguida, Lodge passou a tirar radiografias para os Hospitais de Liverpool.



Sir Oliver Lodge

Em 1898 foi agraciado com a “Medalha Rumford”, da *Royal Society*. Juntamente com o colega Alexandre Muirhead, tirou uma série de patentes sobre cabos telegráficos e formaram o *Lodge-Muirhead Syndicate* para exploração comercial da telegrafia. Tornou-se competidor de Marconi. Seus sistemas telegráficos foram empregados pelo exército inglês e pela Administração da Índia.

Inesperadamente foi nomeado Reitor da recém-criada Universidade de Birmingham. Reuniu suas idéias sobre uma moderna Universidade e passou a instalar o novo núcleo educacional. Deu ênfase às artes e à ciência. Envolveu-se profundamente em política da educação e a Universidade se tornou respeitada.

Em junho de 1902 recebeu o título de “Sir”, outorgado pelo Rei Eduardo VII.

Tornou-se um dos mais conhecidos educadores de sua geração e “persona grata” da cidade de Birmingham. Interessou-se

pela política nacional e internacional e participou de campanhas locais em defesa do tratamento dentário para os escolares, sufrágio da mulher, etc. Abordava matérias sociais e políticas.

Foi eleito presidente da *British Association* em 1913. Participou do Comitê de Guerra da *Royal Society* e, juntamente com Sir William Crookes, fez parte de um subcomitê do Almirantado. Em fins de 1914, especialmente nos Estados Unidos, seu artigo “A Guerra - uma opinião britânica” causou impacto. No ano seguinte publicou o livro *The War and After*.

Após a guerra, Lodge deu ênfase à necessidade de especialização constante dos cientistas universitários e batalhava pela criação de um outro grau acadêmico – o “PHD”. Com muitas homenagens, aposentou-se como reitor em 1º de janeiro de 1920. Continuou a escrever livros e a proferir conferências na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Lodge recebeu dezenas de medalhas e honrarias além da honraria máxima de “Sir”. Era uma figura tão conhecida na Inglaterra que os jornais da época publicavam até charges a seu respeito (20). no *Anuário Espírita 1976* (IDE, pp. 175-188), tivemos oportunidade de reproduzir algumas dessas curiosas ilustrações.

Entre seus livros publicados, além do inicial, já citado, destacamos apenas os relacionados com pesquisas psíquicas e mediunidade, pois foi escritor prolífico em ambas as áreas:

- Man and the Universe* (O Homem e o Universo, 1908);
- Survival of Man* (Sobrevivência do Homem, 1909);
- Reason and Belief* (Razão e Crença, 1910);
- Life and Matter* (Vida e Matéria, 1912);
- Modern Problems* (Problemas Modernos, 1912);
- Science and Religion* (Ciência e Religião, 1914);
- The War and After* (A Guerra e Depois, 1915);
- Raymond, or Life and Death* (Raymond, ou Vida e Morte, 1917);
- Christopher*, 1918);
- Raymond Revised* (Raymond Revisado, 1922);
- The Making of Man* (A Formação do Homem, 1924);

Ether and Reality (Éter e Realidade, 1925);
Relativity (Relatividade, 1926);
Evolution and Creation (Evolução e Criação, 1926);
Science and Human Progress (Ciência e Progresso Humano, 1927);
Modern Scientific Ideas (Idéias Científicas Modernas, 1927);
Why I Believe in Personal Immortality (Por que creio na Imortalidade Pessoal, 1928);
Phantom Walls (Paredes Fantasma, 1929);
Beyond Physics (Além da Física, 1930);
The Reality of a Spiritual World (A Realidade do Mundo Espiritual, 1930);
Conviction of Survival (Convicção da Sobrevivência, 1930);
Past Years (Anos Passados, 1932);
My Philosophy (Minha Filosofia, 1930).

Desta considerável relação de obras, apenas três foram publicadas no Brasil:

A Formação do Homem, pela Casa Editora O Clarim, em 1938, contando com tradução de Watson Campello e apresentação de Cairbar Schutel;

Raymond, pela Sociedade Metapsíquica de São Paulo, em 1939, traduzida por Monteiro Lobato; esta obra foi reeditada pela Edigraf, em 1972; (23)

Por que creio na Imortalidade da Alma, pela Editora Calvário, em 1973, traduzida por Francisco Klörs Werneck (22); esta obra foi posteriormente reeditada pela Editora FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Paralelamente à sua carreira notável, Oliver Lodge se dedicava ao estudo dos fenômenos mediúnicos, cujo resultado está demonstrado na relação de livros publicados já enumerados.

Sua primeira experiência com pesquisa psíquica ocorreu entre 1883-1884, quando foi convidado pelo sr. Malcolm Guthrie para acompanhá-lo em suas investigações sobre transmissão do pensamento.

Após seus contatos com Myers, quando residia em Londres, e outras experiências esporádicas, Lodge passou a se relacionar com a Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres, a partir de sua primeira visita, em 1884. Juntamente com Myers e Gurney, tomou parte em experiências de telepatia (então, transmissão do pensamento), com o famoso médium William Eglinton. Foi presidente da Sociedade para Pesquisas Psíquicas em 1901-1903 e em 1932.

Em 1889 foi incumbido por Myers para recepcionar a sra. Piper, em sua primeira viagem à Inglaterra, e de acompanhá-la a Cambridge, onde foi convidado por Myers para participar das investigações. Pela psicofonia, sua falecida tia Anne se manifestou pela sra. Piper e Lodge se convenceu de sua identidade (20). A partir daí tornou-se muito ligado à sra. Piper, conforme se lê em capítulos anteriores.

Segundo seu biógrafo Jolly (20), três preocupações enchiam a vida de Oliver Lodge, a partir de 1894: estabelecer a credibilidade da sobrevivência da alma; desenvolver um sistema comercial de radiofonia e conseguir apoio científico para a sua concepção de éter.

A convite do prof. Charles Richet, foi à França e, juntamente com Myers, investigou as faculdades mediúnicas de Eusápia Paladino. Essa experiência exerceu grande influência para que aceitasse a fenomenologia paranormal. Posteriormente participou de outras experimentações com a médium italiana. Tornou-se amigo de William Crookes, com quem trocou assídua correspondência.

Como anfitrião da sra. Piper e um de seus pesquisadores, e em seguida com as mensagens que recebeu dela, como a do “Faunus”, Oliver Lodge tornou-se muito conhecido também pelo trabalho no campo das pesquisas psíquicas. Seu livro *Raymond* teve 6 edições em um mês. Quando lançou a versão simplificada *Raymond Revised*, a obra original já contava 12 edições. (20)

O periódico *Spectator* realizou uma pesquisa entre seus leitores no ano de 1930, a qual apontou os melhores cérebros da

Inglaterra e, entre os quatro mais votados estavam: Shaw, Lodge, Birkenhead e Churchill. (20)

Em 20 de junho de 1930 depositou na Sociedade para Pesquisas Psíquicas envelopes póstumos, com o objetivo de serem abertos após a sua morte e contendo anotações para identificarem seu espírito. Os envelopes foram abertos em 1947, 1951 e 1954, mas as experiências foram consideradas inconclusivas, embora alguns médiuns tenham reproduzido algumas características e maneiras de Lodge.

Cumprindo uma existência de intensas produções, tanto no campo científico-acadêmico como no campo das pesquisas psíquicas e da divulgação da imortalidade da alma, Oliver Lodge faleceu aos 2 de agosto de 1940 em Normanton, Inglaterra.

XXX

A Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres

Ao lado dos quatro pesquisadores de certa forma mais ligados a Leonore Piper, cumpre-nos também prestar algumas informações sobre a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. Afinal, ela esteve estritamente relacionada com as pesquisas e a divulgação do fenômeno Piper, patrocinando suas três viagens à Inglaterra.

Dentro da onda de fenômenos que despertava a atenção dos sábios e do povo e após a fundação da Sociedade Dialética e da Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha, que tiveram vida efêmera, permanecia o interesse e o esforço de alguns intelectuais para a averiguação das curiosas manifestações.

Em Cambridge – esta bela e tradicional cidade que se caracteriza pelas suas escolas e o excelente meio universitário –, Fredrich Myers e Henry Sidgwick, professores do Trinity College, já realizavam reuniões para observações e mantinham contatos com vários médiuns. Entre estes há o episódio marcante acontecido em maio de 1874, quando Myers e Gurney foram visitar o Rev. Stainton Moses. No retorno, Myers convenceu Sidgwick a organizarem “um tipo de associação informal” para investigação do fenômeno. (12)

Em verdade, um grupo de intelectuais que ficou conhecido como o “grupo Sidgwick”, composto por Henry Sidgwick, Fredrich Myers, Edmund Gurney, Walter Leaf, Lord Rayleigh, Arthur Balfour e suas irmãs Evelyn e Eleanor (casada com Henry sidgwick), constituía um grupo precursor de pesquisas psíquicas. (12)

Ao grupo de intelectuais de Cambridge deve-se somar também o prof. William F. Barrett, que há muito já era interessado nas pesquisas de “transferência do pensamento”. Em 1876 ele encaminhou à *British Association* um trabalho sobre suas experimentações, o qual foi aceito, mas não publicado (8, 12). O prof.

Barrett se aproximou de Myers e de Gurney. Ficaram convencidos de que deveriam reunir um grupo de “spiritualists”, cientistas e professores para elucidarem os fenômenos. A reunião, marcada para os dias 5 e 6 de janeiro de 1882, em Londres (38, Great Russell Street), foi coroada de êxitos, com a fundação da *Society for Psychical Research* e a constituição de um Comitê composto por Myers, Gurney, Sidgwick e outros para estudarem os detalhes.

Myers e Gurney, de início, não estavam muito esperançosos e emprestaram seus apoios se Henry Sidgwick aceitasse a Presidência. Finalmente, em reunião do dia 20 de fevereiro de 1882 foi formalmente constituída a *Society for Psychical Research*.

Com o objetivo de estudar fenômenos chamados mesméricos, psíquicos e “Spiritualists” (8), a Sociedade estabeleceu-se em cômodos de Dean’s Yard Street nº 14, em Londres. Logo depois transferiu-se para Buckingham Place nº 19. Em julho de 1882 publicaram o primeiro volume dos *Proceedings of the Society for Psychical Research* e em fevereiro de 1884 deram início a outra publicação: o periódico *Journal of the Society for Psychical Research*.

Nos primeiros tempos a Sociedade pesquisou e publicou vários casos de manifestações paranormais. Podmore (31) relaciona as primeiras Comissões de Estudo: de transferência do pensamento, dirigida pelo prof. Barrett; de “casas assombradas”, dirigida por Edward R. Pease; de mesmerismo, dirigida pelo próprio Podmore e por G. Romanes; e a literária, dirigida por Gurney e Myers. Logo depois formaram as Comissões “Reichenbach”, dirigida por W. H. Coffin, e a de fenômenos físicos, dirigida por St. G. Lane-Fox e por C. L. Robertson. Os sócios também se multiplicaram rapidamente, pois no 1º aniversário já contavam com 107 membros, 38 sócios e 5 membros honorários.

O número de associados cresceu muito, pois em 1903 já contavam com 700 e o ramo americano dispunha de 400 membros. A respeito dos associados da Sociedade, destacamos que ela contava com personalidades de importância cultural, social, científica e política, incluindo membros da Royal Society, de universidades, lordes, bispos, ex e futuros Primeiros-Ministros e

detentores de Prêmios Nobel, como foi o caso de William Crookes, Charles Richet e outros.

Desde o início de suas pesquisas a Sociedade se caracterizou pelo rigor, chegando até à intransigência.

Uma das primeiras averiguações externas da Sociedade foram as confiadas ao dr. Richard Hodgson. Primeiramente ele viajou à Índia com o objetivo de investigar os supostos milagres em que estavam envolvidos a sra. Blavatsky. Logo depois ele foi enviado para os Estados Unidos, onde assumiu a secretaria do ramo americano, em Boston, e passou a investigar Leonore Piper.

Os episódios relacionados com a sra. Piper já foram relatados em capítulos anteriores. Todavia, convém assinalar que os pesquisadores que a analisaram, como William James, Myers, Lodge e outros, também eram membros dessa Sociedade. A partir do primeiro trabalho publicado por Myers, nos *Proceedings* do ano de 1890 (35), as publicações da Sociedade se tornaram a principal e quase que única fonte de informações sobre as pesquisas que eram realizadas com a mediunidade da sra. Piper. Esse material era tão rico que até o Tomo XVI já formava cerca de 650 páginas a respeito dela (7), a ponto de subsidiar em 1902 a obra de Michael Sage: *Madame Piper et la Société Anglo-Américaine pour les Recherches Psychiques* (33). Acontece que as publicações de trabalhos a respeito da sra. Piper persistiram por muito mais tempo nos volumes da Sociedade.

A nosso ver, a Sociedade para Pesquisas Psíquicas e os pesquisadores que estiveram mais próximos da sra. Piper foram os responsáveis pelo direcionamento de suas atividades mediúnicas. Como ficou patenteado no período posterior ao retorno da terceira viagem à Inglaterra, provavelmente ela poderia ficar à mercê de outros interesses se não fosse a séria direção e até implacável vigilância exercida pela Sociedade.

Entre os pesquisadores que tiveram a oportunidade de analisá-la pessoalmente, alguns chegaram à presidência da Sociedade, como: prof. Henry Sidgwick (1882-1884, 1888-1892), prof. William James (1894-1895), Fredrich W. H. Myers (1900), Sir Oliver Lodge (1901-1903 e 1932), Sir William Barrett (1904),

prof. Charles Richet (1905), G. W. Balfour (1906-1907), Mrs. Henry Sidgwick (1908-1909 e presidente de honra em 1932), Andrew Lang (1911), J. G. Piddington (1924-1925) e prof. Gardner Murphy (1949). Esses nomes ilustres foram os presidentes a respeito dos quais conseguimos encontrar relação direta com as pesquisas sobre a sra. Piper.



Sociedade para Pesquisas Psíquicas (Londres, 1973)

Isso demonstra que Leonore Piper esteve cercada não apenas por membros da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, mas especialmente por seus expoentes.

Há uns tempos atrás tivemos a oportunidade de visitar a Sociedade para Pesquisas Psíquicas em sua sede, em um “mew” (entradas no interior de quarteirões, antigamente usadas para as conduções), no bairro de Kensington (1, Adam & Eve Mews, W8 6UQ, Londres). Logo no *hall* há o busto de Daniel Dunglas Home e ela dispõe de ampla biblioteca, aberta aos sócios. Os *Proceedings* e o *Journal* podem ser assinados por qualquer pessoa, inclusive estrangeiros.

Em 1982 a *Society for Psychical Research* comemorou o centenário de funcionamento. Resumimos para o *Anuário Espírita 1984* (IDE, p. 245) que a tradicional Sociedade contava então 1.000 membros; dedica-se a estudos sobre percepção extra-sensorial, psicocinesia e outros fenômenos. Por ocasião das

comemorações do centenário foi lançado o livro *The Society for Psychological Research 1882-1982 – a History*, de autoria de Renee Haynes.

XXXI

A Sociedade Americana para Pesquisas Psíquicas

De início, a Sociedade Americana para Pesquisas Psíquicas era ligada à de Londres. Foi fundada por iniciativa do prof. William Barrett (da Sociedade londrina), na cidade de Boston, no ano de 1885.

O ramo americano da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres, contou com o astrônomo prof. Simon Newcomb como seu primeiro presidente; vice-presidentes: prof. Stanley Hall, prof. George S. Fullerton, prof. Edward C. Pickering, dr. Charles S. Minot e, como secretário, N. D. C. Hodges.

A partir de 1887 essa Sociedade contou com a colaboração do dr. Richard Hodgson, que vinha de Londres para assumir a secretaria da Sociedade e para averiguar o fenômeno Piper. Dr. Hodgson dirigiu as atividades de pesquisa da Sociedade até sua morte, em 1905. Contou também com a colaboração de William James e James H. Hyslop.

Embora desde 1889 houvesse um declínio no relacionamento com a sociedade matriz, somente após a morte do dr. Hodgson é que a separação se efetivou.

Em 1904 a Sociedade já estava formalmente legalizada no Estado de New York. Porém foi sob a liderança do prof. James H. Hyslop, no ano de 1906, que foi fundada a nova sociedade, totalmente desvinculada da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres.

Em 1907 o prof. Hyslop deu início à publicação do *Journal of the American Society for Psychical Research*, pois o antigo “ramo americano” já editava os *Proceedings*.

Posteriormente ao falecimento do prof. Hyslop, em 1925, foi fundada a *Boston Society for Psychical Research*.

Creemos que Alta Piper (28) estaria se referindo a esta última sociedade quando anotou que a sociedade para Pesquisas Psíqui-

cas de Londres deu permissão para a sra. Piper trabalhar com recém-formados da “*Boston Society*” (grifo nosso), no período 1926-1927.



Sociedade Americana para Pesquisas Psíquicas
(New York, 1982)

Há poucos anos visitamos a *American Society for Psychological Research*, instalada em um sobrado vitoriano nas proximidades do Central Park (5 West 73 Street, New York). No *hall* há um grande quadro homenageando Sir Oliver Lodge e se dispõe de várias informações sobre os eventos e as publicações da Sociedade. Esta mantém quadro de associados e biblioteca e publica trimestralmente o *Journal* e, de vez em quando, os *Proceedings*, que trazem contribuições científicas mais longas que o primeiro.

XXXII

Depoimentos eminentes

No transcorrer deste volume, a todo momento citamos personagens ilustres que tiveram o privilégio de estudar a mediunidade de Leonore Piper.

Foi por essa razão que sua filha Alta e outros autores afirmaram que essa médium foi provavelmente a mais investigada e por tempo mais longo.

No final do trabalho não poderíamos deixar de relacionar alguns depoimentos que oferecem uma visão geral sobre a opinião de um pugilo de sábios.

O seu primeiro pesquisador – William James –, além de várias afirmativas que já relacionamos, deixou claro: “O que eu quero atestar imediatamente é a presença de um conhecimento verdadeiramente sobrenatural, isto é, de um conhecimento cuja origem não poderia ser atribuída às fontes ordinárias de informação – os nossos sentidos”. (37)

O prof. Newbold, da Universidade de Filadélfia, após estudar pessoalmente o fenômeno, chegou a idênticas conclusões, admitindo que “os acontecimentos de Piper não eram alcançados por meio de recursos normais, nem havia qualquer fraude em suas revelações”. (37)

O dr. Richard Hodgson, o cético descobridor de fraudes, concluiu: “Não tenho, presentemente, a menor dúvida de que os principais comunicantes de que tratei em página anterior são verdadeiramente as personagens que dizem ser, que sobreviveram à mudança que chamamos morte e que se comunicaram conosco, que nós denominamos vivos, por intermédio do organismo da sra. Piper, em transe”. (37)

Depois de compilar uma estatística das comunicações mais importantes, obtidas em 16 reuniões, o prof. James Hervey Hyslop concluiu: “152 fatos foram comprovados como verdadeiros, 16 falsos e 37 indecisos. Tendo contado, depois, 927 fatos

com detalhes mencionados em tais comunicações, 717 eram verdadeiros, 43 falsos e 167 incertos”. (11, 24)

Algum tempo depois o prof. Hyslop anotou em seu livro *Pesquisa Psíquica e a Ressurreição*: “Aqueles que lerem cuidadosamente o caso Piper descobrirão que o fenômeno tem toda a aparência, por fim, de ser um esforço organizado de outro lado para provar a identidade daqueles que já faleceram”. (28)

Na obra que baliza a então nascente Metapsíquica, o prof. Charles Richet comenta: “Myers, Lodge, James, Hodgson, Hyslop, após múltiplas investigações laboriosas, durante 20 anos, ficaram de acordo ao reconhecerem a lucidez da sra. Piper. Esta é, sem contestação possível, de todos os médiuns o que deu o maior número de provas, as mais estranhas e as mais decisivas”. (32)

No livro *Algumas Reminiscências de 50 Anos de Pesquisa Psíquica*, Sir William Barrett emite sua opinião: “Estou pessoalmente convencido de que as evidências que temos publicado decididamente demonstraram: 1) a existência do mundo espiritual; 2) a sobrevivência após a morte; 3) as comunicações ocasionais daqueles que faleceram”. (28)

Sir Oliver Lodge, em suas *Recordações*, conta que depois das experiências com Piper ficou “completamente convencido não só da sobrevivência humana, mas também da faculdade que têm os desencarnados de poderem se comunicar com pessoas que ficam sobre a Terra” (37). Foi ainda o reverenciado educador inglês que escreveu na primeira página de um de seus livros, remetido à sra. Piper, a seguinte dedicatória: “Este livro é enviado pelo autor à sra. Piper como uma manifestação de agradecimento do mundo à sua longa vida de serviços e de ajuda ao início de uma difícil ciência”. (28)

XXXIII

Quase um século depois

A vida de Leonore Piper foi uma verdadeira epopéia da pesquisa mediúnica.

A partir da primeira visita de William James para conhecer seus dons mediúnicos e até o ano de 1911, foram 26 anos ininterruptos de submissão à vigilância, ao ceticismo acadêmico e a rigores até físicos que foram impostos pelos pesquisadores da nascente ciência psíquica. Depois, em épocas diversas, até 1926, surgiram outras fases de experimentação, ou seja, foram cerca de 40 anos de atividades mediúnicas intensas e sob experimentação.

Durante esse longo período Leonore Piper esteve estreitamente relacionada com a Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres e o seu ramo americano.

Passado um século do desabrochar da mediunidade da sra. Piper e após quase igual período da fase chamativa de sua mediunidade, das viagens transoceânicas, das pesquisas, das publicações e dos relatórios sobre seus dons, verificamos que ela é alvo de referências na literatura concernente. Seus dons ilustram tipos e explicações sobre mecanismos da mediunidade.

Depois de todo esse tempo torna-se interessante também uma reflexão sobre a centenária Sociedade para Pesquisas Psíquicas.

Ao tempo das pesquisas com a sra. Piper a referida Sociedade era composta por eminentes membros. Havia o entusiasmo e o interesse desmedido pela nascente ciência psíquica.

Com o tempo ocorreram algumas mudanças no estado de espírito dela e dos pesquisadores. Vinte anos após sua fundação, seu primeiro presidente, o prof. Sidgwick, desabafava que ainda permanecia o mesmo estado de espírito de dúvida e de hesitação (15). Surgiram também correntes diferentes de opinião, conforme comenta Sir Arthur Conan Doyle: “O mecanismo central da Sociedade caiu nas mãos de um grupo de homens cujo único cuidado parece ser não provar a verdade, mas desacreditar o que parece ser sobrenatural. Dois grandes homens, Lodge e

Barrett, enfrentaram a onda, mas foram vencidos pelos obstrucionistas”. (8)

O trabalho árduo da Sociedade também teve reconhecimentos. É o caso da análise de Sir Oliver Lodge, que dedicou seu livro *The Survival of Man* aos “Fundadores da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, os verdadeiros e mais pacientes trabalhadores em uma região mais impopular da ciência que tenho conhecimento”. (20)

Pouco mais de cem anos após a fundação da aludida Sociedade admitimos que os estudiosos da ciência psíquica, direta ou indiretamente, podem ser relacionados como precursores da atual Parapsicologia. Um de seus ex-presidentes, o prof. Charles Richet, lançou as bases da Metapsíquica e foi o proponente desse termo, em 1905, no seu Relatório presidencial apresentado à Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres”. (32)

A partir daí desenvolveu-se a Metapsíquica, que teve muita relação com os espíritas. Foi a época em que se destacaram Geley, Osty, Bozzano e outros. No início da década de 30, com uma guinada metodológica, surgiu entre os metapsiquistas e estudiosos dos fenômenos paranormais a atual Parapsicologia.

Na sua centenária existência a Sociedade manteve seus estudos e publicações, mas não se encontra mais aquela fase áurea dos tempos iniciais. Todavia, as pesquisas parapsicológicas são realizadas não só por membros da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, mas em Universidades e Centros de Pesquisa de vários países.

Como disse certa feita Galileu Galilei, “e apesar de tudo a Terra se move...”, quando era forçado a dizer o contrário. Independentemente de desafios científicos ou até de interesses escusos à causa espiritualista, a verdade é que as manifestações continuam a surgir aqui e ali. Cresce espantosamente o interesse do povo pelas publicações, discursos e tudo o que se relaciona com mediunidade e sobrevivência da alma. Alguém chegou a afirmar que a década de 70 foi marcada por um verdadeiro “boom psíquico”. A ciência tem se voltado a várias nuances

relacionadas com o assunto. Até se notou alhures que a ciência, antes materialista, está se tornando ocultista.

Paralelamente a esses esforços, a mediunidade cada vez mais cumpre seu papel esclarecedor e consolador.

Os antigos pesquisadores psíquicos, via mediunidade, também reconhecem esse propósito. Durante a viagem que os médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira fizeram aos Estados Unidos, em 1965, em New York, o espírito André Luiz escreveu pela psicografia de Waldo Vieira uma entrevista com William James. Entre outras, ponderou o filósofo e pesquisador:

“Compreendo agora, quanto antes, a necessidade do testemunho científico para que se lavre na Terra a certidão da sobrevivência da alma; entretanto admito que nós outros, os investigadores do assunto, com naturais exceções, perdemos, algumas vezes, muito tempo, repetindo experimentos, talvez em demasia, no intuito de fugir às conseqüências morais que o assunto envolve. Não desejamos dizer que a pesquisa científica seja desnecessária. Propomo-nos a afirmar que o pesquisador não está exonerado do dever de ouvir a própria consciência. Um sábio não é um aparelho gravador de terminologia técnica e sim um espírito com avançados cabedais de conhecimento, chamado pela Orientação Superior ao aperfeiçoamento da vida”. (38)

Dentro das condições da época e dentro de seus pendores mediúnicos, Leonore Piper executou uma verdadeira missão.

A renúncia à vida familiar privada e a outras ambições da vida fizeram parte do cotidiano da sra. Piper, principalmente a partir de quando ela se propôs a ir até o final, a custa de qualquer sacrifício, para que seus dons fossem esclarecidos à luz da ciência. Era, portanto, alguém que nutria um ideal e o compromisso para com a verdade.

Ao se defrontar com cientistas mais variados, submetendo-se a investigações em ambientes estranhos ao seu dia-a-dia, sofrendo os percalços das longas mudanças dos seus hábitos e ainda enfrentando situações que, pelo menos, eram evitadas de curiosi-

dade e de dúvida, a sra. Piper sempre se manteve ativa e disposta a prosseguir.

Fato de máxima importância é que essas características se mantiveram por muito tempo, a ponto de suas convicções e seu interesse em torno das manifestações e da imortalidade da alma não declinarem nem no período em que ela esteve com a mediunidade temporariamente suspensa. Se o cético Flournoy tivesse vivido mais uns poucos anos teria sabido que apesar do seu vaticínio segundo o qual ela havia perdido a mediunidade por causa das pesquisas, por volta de 1911, teria sabido que entre 1925-1927 ela estaria oficialmente sendo analisada por recém-formados da *Boston Society*.

Dessa maneira, a persistência, a firmeza, a coragem, a fé e a busca da verdade estão indelevelmente registradas em sua personalidade.

Em que pesem as contradições e as críticas que lançaram contra a sra. Piper, ela sobreviveu a tudo. Inúmeros sábios se renderam ante as evidências da comunicabilidade dos espíritos. Muito embora ela tenha atendido a milhares e milhares de pessoas, convencendo-as também sobre a imortalidade da alma, e tenham restado vários relatos de casos ilustrativos disso, no caso de Leonore Piper falaram mais alto as publicações e os depoimentos de personalidades eminentes. Porém, em absoluto, fatos sem notoriedade não significam que sejam sem importância.

Todavia, o que permanece de objetivo da mediunidade de Leonore Piper são as manifestações do meio acadêmico. Como um dos pesquisadores concluiu que até parecia um esquema organizado pelos espíritos para se comprovar a inter-relação entre os dois planos, cremos que não apenas isto seja provável, mas também que ela foi verdadeiramente direcionada para despertar sábios. Embora seja um caminho, sob certos ângulos de parcelas do movimento espírita atual, árido e difícil, ao tempo em que ela viveu a sua mediunidade exerceu um papel de inestimável importância. Daí o grato desabafo de Sir Oliver Lodge ao expressar à sra. Piper a gratidão do mundo pela contribuição que ela prestou à nascente ciência psíquica. (28)

Leonore Piper foi o “corvo branco” de William James. Comparação adequada para expressar a excepcionalidade que ela representou para ele, a ponto de quebrar-lhe vários preconceitos. Após toda a epopéia vencida, em vista da fidalguia de seu comportamento, diríamos que ela poderia também ser comparada a um pássaro, mais belo e de vôo elegante e alto. Ao voar, esse pássaro ampliou horizontes nos contatos entre vivos e “mortos”.

Junto aos simples e aos sábios a médium Leonore Piper teve a missão de ampliar os caminhos que levam ao desvendamento do mundo espiritual.

Referências bibliográficas

- (1) BLOOM, M.T. – *Uma mulher que “falou com os mortos”*. *Seleções do Reader’s Digest*, agosto, 1950, pp. 81-86.
- (2) BOZZANO, E. – *Metapsíquica Humana* (trad. A. Franco), Rio de Janeiro, FEB, 2ª ed., pp. 15-34.
- (3) BOZZANO, E. – *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas* (trad. F. K. Werneck), Rio de Janeiro, Ed. ECO, 1ª ed., p. 56.
- (4) CARRINGTON, H. – *Discussion of the Trance Phenomena of Mrs. Piper* – Proc. Soc. Psych. Res., 17 (45): 337-359, 1903.
- (5) CARVALHO, A.C.P. – *Primórdios da Imprensa “Espiritualista” e Espírita* – *Reformador*, 97 (1808): 347-350, 1979.
- (6) DELANNE, G. – *A Alma é Imortal* (trad. G. Ribeiro), Rio de Janeiro, FEB, 1952, pp. 100-105.
- (7) DENIS, L. – *No Invisível* (trad. L. Cirne), Rio de Janeiro, FEB, 1957, pp. 30, 31, 270-272, 281, 291, 299, 338, 339, 345, 346, 374.
- (8) DOYLE, A.C. – *História do Espiritismo* (trad. J. Abreu Filho), São Paulo, O Pensamento, 1960, pp. 313-336.
- (9) EDSAL, F.S. – *O Mundo dos Fenômenos Psíquicos* (trad. J. G. Figueiredo), O Pensamento, 1962, pp. 77, 80, 91, 136-141.
- (10) ERNY, A. – *O Psiquismo Experimental*, 3ª ed., Rio de Janeiro, FEB, pp. 213-215.
- (11) FODOR, N. – *An Encyclopaedia of Psychical Science*, Secaucus N.J., The Citadel Press, 1969, 416 p.
- (12) GAULD, A. – *The Founders of Psychical Research*, London, Routledge & Kegan Paul, 1968, 369 p.
- (13) GRANJA, P. – *Afinal Quem Somos?*, S. Paulo, Ed. Calvário, 1972, pp. 207-208.

- (14) HYSLOP, J.H. – *Enigmas of Psychical Research*, Boston, Herbert B. Turner, 1906, pp. 332-390.
- (15) JAMES, W. – *Experiências d'un Psychiste* (trad. E. Durandeaud), Paris, Payot, 1972, 235 p.
- (16) JAMES, W. – *Pragmatismo e Outros Textos* (trad. J.C. Silva e P.R. Mariconda), São Paulo, Abril Cultural, 1979, 230 p.
- (17) JAMES, W. – *Pragmatism and Four Essays from the Meaning of Truth*, New York. Meridian, 1974, 264 p.
- (18) JAMES W. – *Psychology – Briefer Course*. New York, Collier Books, 1972, pp. 223-224.
- (19) JAMES, W. – *The Varieties of Religious Experience*, New York, Collier Books, 1973, 408 p.
- (20) JOLLY, W.P. – *Sir Oliver Lodge*, London, Constable, 1974, 256 p.
- (21) LANG. A. – *Discussion of the Trance Phenomena of Mrs. Piper – III- “Reflections on Mrs. Piper and Telepathy”*. Proc. Soc. Psych. Res., 15 (36): 39-52, 1900.
- (22) LODGE, O.J. – *Por que Creio na Imortalidade da Alma* (trad. J.T. Paula), São Paulo, Ed. Calvário, 1973, 102 p.
- (23) LODGE, O.J. – *Raymond – Uma Prova da Sobrevivência da Alma* (trad. M. Lobato), São Paulo, Edigraf, 1972, 198 p.
- (24) LOMBROSO, C. – *Hipnotismo e Mediunidade* (trad. A.M. Castro). Rio de Janeiro, FEB, 1ª ed., pp. 311-314, 409-412, 414-416, 425.
- (25) MYERS, F.W.H. – *A Personalidade Humana* (trad. S.O. Freitas), São Paulo, Edigraf, 1971, pp. 319-324.
- (26) MURPHY, G. – *Three Papers on the Survival Problem*. New York, The American Society for Psychical Research, 1ª ed., 209 p.
- (27) NEWBOLD, W.R. – *A further record of observations of certain phenomena of trance*. Proc. Soc. Psych. Res., 14 (34): 6-49, 1898.

- (28) PIPER, ALTA L. – *The Life and Work of Mrs. Piper*. London, Kegan Paul Trench, Trubner, 1929, 204 p.
- (29) PODMORE, F. – *Discussion of the Trance-Phenomena of Mrs. Piper*. Proc. Soc. Psych. Res., 14 (34): 50-78, 1898.
- (30) PODMORE, F. – *On Professor Hyslop's Report on his Sittings with Mrs. Piper*. Proc. Soc. Psych. Res., 17 (45): 374-388, 1903.
- (31) PODMORE, F. – *Mediums of the 19th Century* (vol. 2), New York, University Books, 1963, pp 308-329.
- (32) RICHET, C. – *Tratado de Metapsíquica* (trad. M.J.M. Pereira e J.T. Paula). Tomo I, São Paulo, LAKE, 1ª ed., pp. 60, 199, 207, 259.
- (33) SAGE, M. – *Madame Piper el la Société Anglo-Américaine pour les Recherches Psychiques*, Paris, P. G. Leymarie, 12ª ed, 272 p.
- (34) SALTER, W.H. – *Trance Mediumship. An Introductory Study of Mrs. Piper and Mrs. Leonard*. London. Society for Psychological Research, 2ª ed. 44 p.
- (35) SIDGWICK, H. – *Discussion of the Trance Phenomena of Mrs. Piper*. Proc. Soc. Psych. Res., 15 (36): 16-38, 1900.
- (36) STEMANN, R. – *One Hundred Years of Spiritualism*. London, The Spiritualist Association of Great Britain, 1972, p. 16.
- (37) VALLE, S. – *Silva Mello e os seus Mistérios*. São Paulo, LAKE, 1ª ed, pp. 203, 205, 206, 384.
- (38) XAVIER, F.C. & VIEIRA, W. – *Entre Irmãos de Outras Terras*. Rio de Janeiro, FEB, 1966, cap. 5.

FIM

Notas:

¹ Os números entre parêntesis indicam as obras que se referem ao texto em questão, listadas e numeradas nas Referências Bibliográficas, no final desta obra.

² *Society for Psychical Research.*

³ Fredrich William Henry Myers (1843-1901) – literato inglês, poeta, professor no Colégio Trindade de Cambridge. Foi um dos fundadores da Sociedade para Pesquisas Psíquicas e a presidiu em 1900. Deixou várias obras, sendo mais citadas duas referentes aos fenômenos psíquicos: *Phantasms of the Living* e *The Human Personality*. Esta última foi traduzida e editada no Brasil, pela editora Edigraf, sob o título original traduzido, *A Personalidade Humana*.

⁴ Intelectual também pertencente ao Colégio Trindade de Cambridge. Foi um dos fundadores e membro do Conselho da Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Ele, Myers e Lodge compunham o comitê encarregado de pesquisar a sra. Piper.

⁵ Henry Sidgwick (1838-1900) foi o primeiro presidente da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres e era professor em Cambridge. Era casado com a pesquisadora Eleanor M. Balfour Sidgwick.

⁶ Viveu na França entre 1850 e 1935; professor de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Paris; membro de várias sociedades científicas e da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, da qual foi presidente em 1905; autor de várias obras; criador da Metapsíquica, a partir de 1905. Prêmio Nobel em 1913.

⁷ Viveu entre 1865 e 1926. Foi professor da Universidade da Pensilvânia, especialista em decifrar manuscritos medievais. Escreveu vários artigos nos *Proceedings* da Sociedade Americana para Pesquisas psíquicas.

⁸ Eleanor M. B. Sidgwick, pesquisadora cética e capaz; educadora inglesa. Presidiu a Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres em 1908-1909 e foi presidente honorária em 1932. Era casada com o fundador desta Sociedade e era irmã do primeiro-ministro Arthur James Balfour.

⁹ Filósofo, poeta e professor; autor de livros sobre Antropologia, Psicologia, Mitologia, História e biografias. Foi presidente da Sociedade para Pesquisas Psíquicas em 1911. Viveu de 1843 a 1912.

¹⁰ Viveu entre 1856 e 1910, principalmente em Oxford. Foi um dos hábeis oponentes do “Spiritualism” e bem conhecido pesquisador psíquico. Converteu-se depois ao “Spiritualism”, mas mantinha espírito crítico. Foi membro do Conselho da Sociedade para Pesquisas Psíquicas e escreveu vários trabalhos e livros. Também foi membro do conselho da *National Association of Spiritualists*.

¹¹ Dr. Hereward Carrington – pesquisador psíquico inglês e autor de vários trabalhos e de livros populares sobre assuntos psíquicos. Tornou-se membro da Sociedade para Pesquisas Psíquicas e após a morte do dr. Hodgson passou a residir nos Estados Unidos e a colaborar com o ramo americano da Sociedade.

¹² A médium, sra. Verral, casada com o dr. A. W. Verral (ver nota seguinte), tornou-se membro do Conselho da Sociedade para Pesquisas Psíquicas e escreveu vários trabalhos para os *Proceedings*.

¹³ Dr. A. W. Verral, professor e pesquisador psíquico inglês (1859-1918) e esposo da médium sra. Verral.

¹⁴ J. G. Piddington, pesquisador psíquico inglês, foi membro do Conselho e depois presidente (1924-1925) da Sociedade para Pesquisas Psíquicas.

¹⁵ William Fletcher Barrett (1845-1926) – Professor de Física no Royal College of Science de Dublin (Irlanda). Pesquisador psíquico e fundador da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres, em 1882. Membro de várias sociedades científicas e autor de livros e artigos.

¹⁶ Aqui nos referimos ao bairro de Cambridge, na época um subúrbio de Boston.

¹⁷ O termo “controle”, usado em inglês, seria equivalente a espírito mentor.

¹⁸ Árvore que tem folha de três pontas, existente nos EUA e Canadá.

¹⁹ Estado e cidade, respectivamente, dos Estados Unidos.

²⁰ Das 16 obras da chamada “Série André Luiz”, a editora FEB destacou um conjunto de 13 obras que formam a “Coleção a Vida no Mundo Espiritual”, uma preciosa coletânea de narrativas e observações sobre as atividades dos desencarnados, abordando inúmeros assuntos de extrema importância doutrinária. (Nota do revisor.)

²¹ William Stainton Moses (1839-1892) – famoso médium e religioso inglês.

²² Medida inglesa equivalente a aproximadamente 16 metros de distância.

²³ Theodor Flournoy – Professor de Psicologia da Universidade de Genebra. Foi crítico dos fenômenos psíquicos e, inclusive, da sra. Piper. Faleceu em 1921.

²⁴ U.D. (understand) – Nos trechos significa “entender”. No capítulo XIII, “As correspondências cruzadas”, lembramos que Rector e Myers usavam as letras “U.D.”

²⁵ Dr. Gardner Murphy, da Columbia University, Hodgson Fellow em Pesquisa Psíquica pela Universidade de Harvard. Autor de *Telepathy as an Experimental Problem*. Foi presidente da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres, em 1949.